

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Quem vem lá – Documentário

Juiz de Fora
Agosto de 2013

Carolina Gavioli Silva
Maria de Oliveira Barra Costa

Quem vem lá – Documentário

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientação: Prof. Nilson Assunção Alvarenga

Juiz de Fora
Agosto de 2013

Carolina Gavioli Silva
Maria de Oliveira Barra Costa

Quem vem lá – Documentário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Nilson Assunção Alvarenga

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
em 02/09/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga (UFJF) – Orientador

Prof. Ms. Francisco Ângelo Brinati (UFSJ) – Convidado

Prof. Ms. Marise Baesso (UFJF) – Convidado

Conceito obtido _____

Juiz de Fora
Agosto de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradecemos todo o apoio das famílias, dos amigos e de quem tornou possível a realização deste trabalho. Um muito obrigada ao nosso grande amigo, JG.

*“Sou da linha de umbanda
Vou no babalaô
Para pedir pra ela voltar pra mim
Porque assim eu sei que vou morrer de dor”*

Baden Powell e Vinícius de Moraes

RESUMO

Este trabalho é um relatório do documentário “Quem vem lá”. O estudo aborda a história da Umbanda, que surgiu em 1908. Desde então, a visão da sociedade em relação à religião passou por mudanças, sofrendo diversas modificações e, atualmente, percebe-se um maior respeito pela religião. Entretanto, a incorporação, ponto considerado chave dentro do culto umbandista, ainda levanta diversos questionamentos quanto à veracidade. O documentário “Quem vem lá” trata, de modo expositivo, empregando a linearidade, sobre esse momento em que os médiuns recebem as chamadas entidades. Ele se constroi acompanhando a gira, desde o seu início até o seu fim, – com foco na incorporação – por meio de depoimentos de três personagens da Associação Religiosa do Reino de Ogum, terreiro localizado no Bairro Progresso, na cidade mineira de Juiz de Fora. Aborda-se também todo o processo de criação, que se iniciou com as visitas ao terreiro, até chegar ao trabalho de gravação, decupagem, de escolhas das cenas, edição e finalização.

Palavras-chave: Documentário. Umbanda. Incorporação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OS TIPOS DE DOCUMENTÁRIO	9
2.1 O QUE É DOCUMENTÁRIO	9
2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE DOCUMENTÁRIO	9
3 A UMBANDA	15
3.1 SOBRE O SURGIMENTO DA UMBANDA E O SINCRETISMO	15
3.2 ETIMOLOGIA DA PALAVRA	18
3.3 A VISÃO EXTERNA DO DESCONHECIDO	18
3.4 AS SETE LINHAS, OS ORIXÁS E AS ENTIDADES	20
3.5 MÚSICA E POESIA COMO GUIAS	21
4 A ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA REINO DE OGUM	23
4.1 HISTÓRIA DO REINO DE OGUM	23
4.2 FUNCIONAMENTO DO TERREIRO	24
4.3 A INCORPORAÇÃO COMO TRANSFORMAÇÃO	27
5 DOCUMENTÁRIO	28
5.1 Os personagens	28
5.2 Da construção do roteiro ao produto final	30
5.2.1 Alterações iniciais	30
5.2.2 Técnicas e equipamentos utilizados na gravação	31
5.2.3 Entrevistas	32
5.2.4 Roteiro e montagem final	33
6 CONCLUSÃO	36
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
8 APÊNDICES	40

1. INTRODUÇÃO

A Umbanda é uma religião brasileira que surgiu em 1908. Nela, elementos típicos do Brasil, como o sincretismo presente no decorrer da história do país, estão presentes. Nascida dentro de um centro kardecista, a religião aderiu características do catolicismo e do candomblé ao longo de sua criação. Atualmente, existem terreiros espalhados por todo o Brasil, compostos por pessoas de todas as classes sociais, assim como foi definido pelo fundador da religião, Zélio Fernandino de Moraes: não haveria nenhum tipo de preconceito e restrição em relação aos participantes.

Este trabalho tem como objetivo apoiar o trabalho prático que foi gravado em um terreiro e apresentar a história umbandista. Para tal, foi descrito o processo de criação do documentário e o relatório das gravações, com as ideias iniciais até atingir o produto final, além da síntese dos tipos de documentário, conforme as definições de Bill Nichols descritas em seu livro *Introdução ao Documentário* e a análise do subgênero a que o *Ilha das Flores* de Jorge Furtado pertence.

O documentário "Quem vem lá" foi gravado em sua integralidade no terreiro Associação Religiosa Reino de Ogum que fica na cidade de Juiz de Fora, zona da mata mineira. Ele apresenta de modo expositivo a incorporação que os médiuns realizam para trazer entidades de outro plano espiritual para dar conselhos aos praticantes. O Pai de Santo, o Pai Pequeno e o médium que contribuíram com as entrevistas, foram escolhidos por sua história de vida e ligação com o barracão.

O relatório do documentário produzido mostra sobretudo, como as definições iniciais se alteraram pela troca de personagem, de iluminação e da própria forma de gravação, para dar lugar a um produto linear e com características expositivas e não reflexivo como a ideia criada nas primeiras conversas. O primeiro roteiro contava com cenas nas casas dos

personagens, foco na gira como um todo e uma reflexão sobre a religião. No roteiro final, tudo foi alterado e a necessidade de limitar o terreiro como locação única, o foco ser a incorporação surgiu pela riqueza das entrevistas principalmente.

2. O DOCUMENTÁRIO

2.1 O QUE É DOCUMENTÁRIO

O documentário pode ser definido como uma narrativa construída através de “imagens-câmera”, elementos estéticos e fala, conforme Fernão Pessoa Ramos aponta em seu livro “Mas afinal... o que é mesmo documentário?” (2008). Durante o documentário, todos esses objetos estéticos que os espectadores olham em busca de afirmações sobre o “ser exterior”, ou seja, além da percepção de si próprio do espectador, ajudam a criar a atmosfera singular da narrativa documental a partir da própria asserção.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE DOCUMENTÁRIO

Cada documentário e produção cinematográfica, em geral, possui uma forma de expressão particular. No caso do filme documentário, como aponta Bill Nichols em seu livro “Introdução ao documentário” (2005), identificam-se seis modos de representação, apresentadas como subgêneros do gênero documentário. Esses tipos são chamados de poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo expositivo será tratado neste trabalho com maior detalhamento uma vez que o trabalho prático produzido baseia-se neste subgênero. Contudo, é necessário que as outras ramificações também sejam abordadas, tendo em vista que o documentário normalmente não é criado puro e genuinamente de um único subgênero, como defende Nichols. É possível que um documentário expositivo tenha cenas bem grandes do tipo observativo, não existe obrigatoriedade de se seguir apenas um modelo, afinal, cada novo modo de se fazer surgiu pela deficiência identificada no modo anterior. Mas isso não faz com

que um método seja mais eficaz que o outro, principalmente porque a forma de discurso é diferente. O documentário expositivo, por exemplo, é contemporâneo à década de 1920, mas continua vivo ainda hoje, como naqueles sobre ciência e natureza exibidos pela Discovery Channel.

Historicamente, o modo poético foi o primeiro tipo identificado de documentário no início da década de 1920. Nele, reuniam-se fragmentos do mundo de forma poética, abstrata: a divisão do tempo e espaço se apresentava em diversas perspectivas, seguindo as concepções do movimento modernista da época. Como toda forma documental, esta também tem suas particularidades, como Nichols (2005, p.141) apresenta em “Introdução ao documentário”: “O modo poético tem muitas facetas, e todas enfatizam as maneiras pelas quais a voz do cineasta dá a fragmentos do mundo histórico uma integridade formal e estética peculiar ao filme”.

Já no modo expositivo, percebeu-se uma necessidade em criar uma narrativa argumentativa, abandonando a estrutura poetizada e criando elementos como a *voz over*, em que o narrador conta a história apresentada, mas não é visto. Outro meio é a narração como comentário de autoridades, em que, além de ouvir, é possível ver quem fala, elemento usado no documentário produzido como trabalho prático. No tipo expositivo, nota-se que as imagens exibidas apenas servem como argumento para a fala e não o contrário (lógica tradicional do cinema). Os comentários representam a perspectiva do cineasta e, tudo o que é falado é, na verdade, o argumento do filme. O jeito que os narradores falam, sérios e com voz treinada, dá maior credibilidade, pois eles conseguem mostrar uma distanciação do tema através da aparente indiferença, neutralidade e, sobretudo, onisciência.

No documentário produzido, optou-se por colocar as vozes dos próprios membros do terreno contando seu sentimento na hora da incorporação para dar maior credibilidade ao que é dito, pois são eles incorporando nas imagens exibidas em *off*. A linearidade do “Quem

vem lá” também pode ser apontada como elemento expositivo, pois o ritmo como um todo contribui para um trabalho de maior didatismo, mesmo com alguns outros elementos que não saem um pouco dessa atmosfera.

O documentário “*When You`re Strange*” (2009) é um exemplo de documentário do modo expositivo, em que Tom Dicillo mostra a história do início da banda The Doors até o seu fim com a morte do líder da banda, pela narração de Johnny Depp. Entretanto, existem momentos em que a ótica do líder da banda, Jim Morrison, é recriada para mostrar algumas concepções do vocalista: imagens de um homem com cabelos cacheados, aparentemente perdido num lugar deserto. É uma criação de Dicillo para tentar mostrar sua interpretação da visão de Jim. Como característica principal do tipo expositivo, o excesso de didática não só ajuda a convencer, mas também facilita a generalização e abrangência. Neste sentido, o documentário produzido tenta não pecar pelo excesso de didática e trazer o documentário para um lado mais poético, mesmo expondo o tema. As imagens da própria incorporação são contraditórias as rezas mostradas no início do “Quem vem lá”.

Na década de 1960, é a vez do modo observativo. Nesta fase, os filmes abandonaram a *voz over*, músicas, efeitos sonoros, as situações repetidas e até as entrevistas. O observativo surgiu da necessidade de um documentário em que o espectador assistisse a acontecimentos sem que, de certo modo, houvesse maior intromissão. Desta forma, fica a cargo do espectador tomar para si a compreensão da importância e do significado daquilo que se assiste. O modo observativo também dá ao público a impressão de que aquilo que ele assiste acontece sem a intromissão do cineasta. Por outro lado, isso provoca um questionamento maior, pois toda a interação que se assiste provém da presença da câmera e do cineasta, alterando a aura de distanciamento que o observativo provoca. É possível encontrar documentários em que as cenas são construídas e gravadas de modo observativo, como Bill Nichols (2005) aponta:

Um exemplo é a cena de Kenya boran, em que, sem prestar atenção ao câmara, mas de acordo com as linhas gerais determinadas antes da filmagem começar, dois membros de uma tribo queniana discutem as medidas de controle de natalidade adotadas pelo governo. (NICHOLS, 2005, p. 150)

Também nos anos 1960, no modo participativo, o cineasta vira personagem do documentário, ao passo que este tipo é mais semelhante ao trabalho etnográfico pelo fato de o cineasta ir a campo. O documentário participativo se difere principalmente porque não apresenta a *voz over*, é mais ligado ao real, do que o modo poético, e sai da observação para ser algo vivo e não só uma visão. A presença do cineasta assume importância fundamental. Edgar Morin e Jean Rouch chamaram esse tipo cinematográfico de *Cinéma Vérité*, em 1960, na ocasião da exibição do filme *Chronique d'un Été*. Logo, a verdade reside no encontro, e não na verdade absoluta ou não manipulada. Um exemplo é “Morada” (2011), de Joana Oliveira, que apresenta uma senhora que vive há anos com a ameaça do governo de retirar sua casa para a construção de uma rodovia. Quando a ameaça começa a se tornar algo que finalmente vai acontecer, o documentário se inicia. Ele começa com cenas do dia-a-dia da senhora, mostrando as refeições e as condições da residência, justamente, para criar uma relação com o espectador. Quando a senhora é notificada que vai mesmo perder a casa, a cineasta começa a aparecer. Até que, no momento em que a personagem começa a juntar suas coisas, pois, naquele ponto, deixar a casa é inevitável, a documentarista revela ser a neta dela e expõe essa relação. Joana Oliveira se mostra bem envolvida emocionalmente com o tema e não é apenas um ser que observa, mas sim um personagem com relação sentimental com o tema. Neste subgênero, a entrevista passa a ser o modo mais intenso entre o cineasta e o tema, principalmente porque nesses filmes, o cineasta se torna tão visado quanto qualquer outro personagem.

Questionando a forma fundamental dos documentários, o modo reflexivo surge no final da década de 1980. Dessa vez, a relação do cineasta é com o espectador, segundo Nichols (2005). Ele dialoga com o público, lidando mais com crenças e suposições, do que

acrescentado conhecimento e ensinando sobre o tema. Para isso, ele consegue transformar o familiar em algo que causa um estranhamento em quem assiste. Neste tipo, o documentário pede para ser visto mais como representação do que como forma de enxergar o mundo. Isto é, ele trata de situações conhecidas, mas tenta provocar alguma reflexão sobre o tema por meio da forma que é realizado. Nichols explica como isso é desenvolvido no trecho do seu trabalho, “Introdução ao documentário” (2005).

[...] em *O homem da câmera*, Dziga Vertov demonstra como a impressão de realidade vem a ser construída, começando com uma cena do câmera, Mikhail Kaufman, filmando pessoas andando numa carruagem puxada por cavalos de dentro de um carro que anda paralelamente à carruagem. Vertov, então, corta para uma sala de montagem, onde a montadora, Ekizaveta Svilova, mulher de Vertov, une as tiras do filme que representam esse acontecimento naquela seqüência que, presumivelmente, acabamos de ver. O resultado global desconstrói a impressão de acesso desimpedido à realidade e convida-nos a refletir sobre o processo pelo qual essa impressão é construída por meio da montagem. . (NICHOLS, 2005, p. 165)

Exemplo disso é o documentário de Jorge Furtado, “Ilha das Flores” (1988). De maneira irônica, ele traça o trajeto de um tomate da plantação até chegar a um grupo de pessoas que buscam comida em um depósito de lixo. Ele explora a forma expositiva, com *voz over*, narrador com voz treinada, texto explicativo e altamente didático, mas extremamente irônico. Em seu artigo “Ilha das Flores: o documentarista em primeiro plano” (2005), Roseane Meire Vieira de Jesus afirma que Furtado faz associações inesperadas nos comentários como “Jesus ser judeu e ter dinheiro” e usa imagens do holocausto para subverter o comentário.

No meio dessas associações, percebe-se o tom irônico dos conceitos, demonstrando um pseudodidatismo, que coloca a voz off despersonalizada como a detentora do saber, a ciência. Desse modo, há o esforço, por parte de Furtado, em questionar a objetividade e imparcialidade, defendidas pelos documentaristas do estilo griersoniano. (JESUS, 2005, p. 5)

Na “Ilha das Flores”, crianças e mulheres são colocadas no patamar dos porcos. Ele subverte o modo expositivo, quando o narrador diz, de modo a parecer não se importar que “mulheres e crianças são seres humanos com telencéfalo altamente desenvolvido, polegar opositor e nenhum dinheiro. Elas não têm dono e, o pior: são muitas. Por serem muitas, elas são organizadas pelos empregados do dono do porco em grupos de dez e tem permissão de passar para o lado de dentro da cerca. No lado de dentro da cerca, elas podem pegar para si

todos os alimentos que os empregados do dono do porco julgaram inadequados para o porco” (trecho da locução do filme). Neste momento, Furtado provoca os sentimentos do espectador por mostrar cenas esteticamente bem construídas e de carga emocional mais forte de um jeito que, pelo sarcasmo do narrador, parece uma ação extremamente comum na vida das mulheres e crianças.

O último modo documental, realizado no final da década de 1980, trouxe a arena do conhecimento do mundo para os âmbitos afetivos e subjetivos. No modo performático, o real e o imaginado tornam-se comuns. Ou seja, acontece um pequeno desvio da lógica realista para se seguirem momentos poéticos, indo para o subjetivo. É mostrado mais o emocional do que a realidade em comum, como se os personagens falassem deles para o público, ao contrário do que acontecia com os documentários expositivos, em que se contava de um grupo de pessoas para o público. Fazendo-se uma comparação, o modo performático se parece muito com o cinema experimental, principalmente pela expressividade em levar o espectador através do histórico para o abstrato.

Vimos, portanto, os tipos de documentários de acordo com Bill Nichols e como esses subgêneros se completam. Além disso, foi dada uma ênfase maior no tipo documental expositivo a que o documentário “Quem vem lá” pertence e também ao tipo reflexivo, subgênero a que, em um primeiro momento, se pensou em montar o documentário.

3. A UMBANDA

3.1 SOBRE O SURGIMENTO DA UMBANDA E O SINCRETISMO

A Umbanda é uma religião brasileira relativamente recente, que nasceu em 1908, em São Gonçalo (RJ), com Zélio Fernandino de Moraes, sob o espírito do padre Gabriel de Malagrida, morto pela inquisição no ano de 1761, em Portugal, e que se intitulava como “Caboclo das Sete Encruzilhadas”. Desde muito jovem, Zélio demonstrou ter o dom da incorporação, mas ninguém entendia como era possível que ele se comportasse como uma pessoa diferente de um momento para outro. A família chegou a levá-lo a um padre para a realização do exorcismo e até ao hospício, sem que nenhuma das iniciativas obtivesse resultados. O pai de Zélio decidiu, então, ir com o filho até a Federação Espírita de Niterói, e, com apenas 17 anos, o adolescente passou pela primeira manifestação dentro de um centro kardecista.

A história umbandista conta que, durante a sessão, Zélio quebrou as normas, apanhou uma rosa branca no jardim e depositou-a no centro da mesa onde o culto acontecia. A partir disso, o menino incorporou o espírito do padre Gabriel e, simultaneamente, diversos médiuns presentes incorporaram caboclos e pretos velhos. Questionado pelo dirigente do local quanto ao grau de cultura “atrasado” daquelas entidades, o espírito do padre falou através do rapaz que um novo culto seria instituído para falar a todos igualmente.

A Umbanda foi criada, portanto, a partir da promessa do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, que, depois de ter sofrido preconceito pelos médiuns do centro kardecista, instituiu um culto gratuito, em que todos teriam espaço, independente do credo, da cor, da classe social ou da cultura. O discurso do padre dentro do centro kardecista, para o nascimento da nova religião, teria sido: “Aqui inicia-se um novo culto em que os espíritos de

pretos velhos africanos, que haviam sido escravos e que desencarnaram não encontram campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase que exclusivamente para os trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos da nossa terra, poderão trabalhar em benefícios dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno será a característica principal deste culto, que tem base no Evangelho de Jesus e como mestre supremo Cristo”.

Pode-se dizer que a Umbanda nasceu na periferia da sociedade, mas se desenvolveu por meio daqueles que buscam realizar profundas mudanças na sociedade, de maneira pacífica, trabalhando os princípios da espiritualidade. Princípios estes que são fundados nos valores de ética e universalidade e que ultrapassam os limites das religiões. Nessa nova forma de culto, os espíritos, considerados pelos seguidores de Allan Kardec como os de “baixo nível”, seriam bem-vindos para praticar a bondade, passar os seus ensinamentos e realizar os trabalhos, o que valeria também para a população. Por esse motivo, alguns umbandistas não consideram a influência do espiritismo kardecista – uma vez que o espírito do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” foi rechaçado em uma sessão da prática espírita.

Foi na noite de 16 de novembro de 1908, cumprindo sua promessa, Zélio incorporou o espírito do Caboclo e instituiu o novo culto, realizando vários milagres. Num primeiro momento, o adolescente foi procurado por pessoas de todo o Brasil e, apenas quando ele estava mais velho, Caboclo determinou que fossem criados outros centros em outros lugares do país, como descreveram Dartgan Abdias Silva e Liliane Ribeiro Pires em seu artigo “Umbanda: Uma típica religião brasileira” (2011).

Em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu ordens do Astral Superior para fundar sete tendas para a propagação da Umbanda. As agremiações ganharam os seguintes nomes: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia; Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição; Tenda Espírita Santa Bárbara; Tenda Espírita São Pedro; Tenda Espírita Oxalá, Tenda Espírita São Jorge; e Tenda Espírita São Gerônimo. Enquanto Zélio estava encarnado, foram fundadas mais de 10.000 tendas a partir das mencionadas. (SILVA, PIRES, 2011, p. 6)

É importante destacar que, no início, a religião umbandista não se apropriou de nenhum traço especificamente das tradições africanas. Com o tempo, incorporou-se o instrumento atabaque e as cantigas, além de certas entidades e expressões (como Axé, que significa “força vital”), provenientes do Candomblé. Apesar dessa agregação, hoje em dia, muitos terreiros não utilizam tais instrumentos. Outra questão é a mistura também de traços do cristianismo, especialmente do catolicismo. Pode-se dizer, portanto, que a Umbanda é resultado de um sincretismo religioso presente na história do país, como aponta Reginaldo Prandi em seu texto “As religiões negras do Brasil” (1995-1996).

Em nosso século nasceu a umbanda, que tem sido reiteradamente identificada como sendo a religião brasileira por excelência, pois, formada no Brasil, ela resulta do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas. Ao contrário das religiões negras tradicionais que se constituíram como religiões de grupos negros, a umbanda surge como religião universal, isto é, dirigida a todos. A umbanda sempre procurou legitimar-se pelo apagamento de feições herdadas do candomblé, sua matriz negra, especialmente os traços referidos a modelos de comportamento e mentalidade que denotam a origem tribal e depois escrava, mantendo contudo essas marcas na constituição do panteão. (PRANDI, 1995-1996, p. 65-66)

Quando os negros foram trazidos ao Brasil como escravos, no século XVI, os cultos candomblecistas, realizados em seus países de origem, obviamente os acompanharam. Logo, os senhores de engenho proibiram tais práticas, alegando que eram magia negra e bruxaria. Com o tempo, percebeu-se que os escravos já não rendiam tanto no serviço desempenhado, por maiores que fossem os castigos impostos. Permitiu-se então, que os cultos acontecessem, desde que os padres e representantes da Igreja Católica se dirigissem às senzalas para ensinar os escravos sobre a religião predominante na época, e que os ritos contassem com a presença das imagens cultuadas pelo catolicismo. Foi nesse ponto que se desenvolveu o sincretismo: os escravos, a partir das histórias contadas pelos padres, fizeram comparações e relacionaram os santos católicos aos Orixás do Candomblé.

A primeira entidade de Preto Velho, Pai Antônio, que incorporou na Umbanda, falou que gostaria que os cultos umbandistas fossem realizados perante as imagens católicas e, desde então, os santos foram apropriados. Dessa maneira, Santa Bárbara é comparada ao

Orixá Iansã, enquanto São Jerônimo é o mesmo que Xangô, Jesus Cristo é sincretizado em Oxalá e Nossa Senhora da Glória é o equivalente à Iemanjá.

3.2 ETIMOLOGIA DA PALAVRA

O termo “Umbanda” é de origem sânscrita, de acordo com a definição encontrada no texto hindu "Bhagavad Gitã", de autoria do líder religioso Bhaktivedanta Swami Prabhupada, e traduzido por Francisco Valdomiro Lorenz como a "Sublime Canção da Imortalidade" (1936).

Sua etimologia provém de AUM-BANDHÃ, (om-bandá) em sanscrito, ou seja, o limite no ilimitado. O prefixo AUM tem uma alta significação metafísica, sendo considerado palavra sagrada por todos os mestres orientalistas, pois que representa o emblema da Trindade na Unidade, Pronunciado ao iniciar-se qualquer ação de ordem espiritual, empresta à mesma a significação de o ser em nome de Deus. (1) Pronuncia-se om. A emissão deste som durante os momentos de meditação, facilita as nossas obras psíquicas e apressa a maturação do nosso sexto sentido, a visão espiritual. BANDHÃ, (Banda) significa movimento constante ou força centrípeta emanante do Criador, a envolver e atrair a criatura para a perfeitibilidade. Uma outra interpretação igualmente hindu, nos descreve BANDHÃ (Banda) como significando um lado do conhecimento, ou um dos templos iniciáticos do espírito humano. (LORENZ, 1936)

3.3 A VISÃO EXTERNA DO DESCONHECIDO

Depois da criação do novo culto, em 1908, ele ganhou espaço, gerando entusiasmo, mas também medo e preconceito. Este último se deve, em grande parte, ao fato de que a Umbanda nasceu justamente para atender, não apenas as elites detentoras do poder e do conhecimento, mas, a todos, incluindo os que foram marginalizados pela sociedade. Além disso, existe no país uma influência europeia, um eurocentrismo, por parte da própria história da colonização, que permeia as relações sociais até os dias de hoje, e tende a considerar o periférico aos limites europeus como errado ou inferior. Sem deixar de falar do etnocentrismo, visão de mundo onde determinado grupo – neste caso, o branco, o que se enquadra

socialmente – é o “centro de tudo” e, por meio dos valores desse grupo, os outros são pensados e sentidos, o que causa uma dificuldade em entender a diferença, uma espécie de estranheza e de hostilidade. Erisvaldo P. dos Santos reafirma essa tese em seu artigo “A educação e as religiões de matriz africana: motivos da intolerância” (2011).

Em verdade, o que existe mesmo na sociedade brasileira, e de sobra, é eurocentrismo e etnocentrismo. É aí que se produz um entendimento de que a religião certa é aquela que os europeus nos trouxeram, cuja matriz é judaico-cristã. As outras religiões, não são propriamente religiões, mas seitas, expressões de religiosidade, crendices, magias e superstições. Para esse tipo de entendimento, a única religião que tem uma mensagem boa para vida é o cristianismo, porque promete a vida eterna. (SANTOS, 2011, p. 14)

Constantemente, a religião é confundida com a chamada Quimbanda (ou Kimbanda), que, nesse sentido, é considerada o oposto da Umbanda propriamente dita, já que aquela não considera os limites éticos ou morais e utiliza as práticas mágicas para atender qualquer vontade ou pedido do devoto. Incluem-se aqui demandas que envolvem submeter uma pessoa à vontade da outra, vinganças, atitudes ilícitas, egoístas e que causam mal. Embora cultuem os mesmos Orixás e entidades, utilizem trajes iguais e peças dentro do terreiro semelhantes, as duas são diferentes, porém estão ligadas. Alguns consideram a Quimbanda como o ramo obscuro da Umbanda e as relacionam, classificando a primeira como culto às entidades malévolas e demoníacas, como faz Reginaldo Prandi em seu artigo “As religiões negras do Brasil” (1995-1996).

A Umbanda se divide numa linha da direita, voltada para a prática do bem e que trata com entidades “desenvolvidas”, e numa linha da “esquerda”, a parte que pode trabalhar para o “mal”, também chamada quimbanda, e cujas divindades, “atrasadas” ou demoníacas, sincretizam-se com aquelas do inferno católico ou delas são tributárias. Essa divisão, contudo, pode ser meramente formal, como uma orientação classificatória estritamente ritual e com frouxa importância ética. Na prática, não há quimbanda sem umbanda nem quimbandeiro que não seja umbandista, pois são duas faces de uma mesma concepção religiosa. (PRANDI, 1995-1996, p. 73)

Ainda assim, alguns costumam classificar a Umbanda nas seguintes ramificações: a tradicional (oriunda de Zélio Fernandino de Moraes), a Umbanda Branca ou de Mesa (religião mais pura, de cunho espírita Kardecista); Omolocô ou Umbandomblé (a vertente que apresenta maior influência dos rituais candomblecistas); Umbanda Esotérica, Iniciática ou

Cabalística (doutrina fortemente influenciada pela Teosofia, pela Astrologia, pela Cabala e por outras escolas ocultistas mundiais); Umbanda Almas e Angola (o segmento apresenta um forte sincretismo dos Orixás com os santos católicos, sendo que aqueles estão vinculados às tradições africanas); entre diversas outras subdivisões.

3.4 AS SETE LINHAS, OS ORIXÁS E AS ENTIDADES

A Umbanda pode ser dividida em sete linhas, que são as faixas de frequência vibratória em que os Orixás atuam. Conseqüentemente, outros espíritos, ou entidades, submetidos a esses Orixás, dentro da lei de afinidade¹, também agem nesses sete campos. Leal de Souza descreveu essa divisão em seu artigo “O espiritismo, a magia e as sete linhas da umbanda” (1993), como “a primeira de Oxalá; a segunda de Ogum; a terceira, de Euxoce (Oxóssi); a quarta, de Xangô; a quinta de Nha-San (Iansã); a sexta de Amanjar (Iemanjá); a sétima é a linha de Santo, também chamada de Linha das Almas” (SOUZA, 1933, p. 52). Outro traço marcante é que cada linha possui sua cor simbólica, como explicita Leal de Souza (1933) no mesmo trabalho: “A de Oxalá, a cor branca; a de Ogum a encarnada; a de Euxoce (Oxóssi), verde; a de Xangô, roxa; a de Nha-San (Iansã), amarela; a de Amanjar (Iemanjá), azul” (SOUZA, 1933, p. 52).

O Orixá é classificado como uma entidade de hierarquia superior, pois são espíritos que progrediram muito espiritualmente e, por isso, é o representante da sua linha, o chefe, responsável pela falange e por auxiliar a atividade dos centros que necessitem de ajuda. Neste último caso, ficando subordinados ao guia geral de cada centro. As demais entidades, subordinadas ao Orixá principal, são: os Pretos Velhos, já citados anteriormente, espíritos de

¹Em nossa pesquisa, constatamos a definição da lei da afinidade, segundo Allan Kardec em seu “Livro dos Espíritos” (1857). Ela seria a preferência dos espíritos em “estar no meio dos que se lhes assemelham, acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos.” (KARDEC, 1857, p. 219)

escravos ancestrais que sofreram muito quando encarnados; os Boiadeiros, espíritos de pessoas que trabalharam justamente com o gado no passado; os Caboclos, que são aqueles ligados à natureza, em geral o povo indígena; os Baianos, espíritos, em geral, dos migrantes nordestinos; os Marinheiros, entidades associadas ao mar de alguma forma, na maioria das vezes vinculadas aos marujos; os Êres, espíritos de pessoas que desencarnaram novas – de crianças – que representam a inocência e a pureza; os astrais. Desse grupo, fazem parte as chamadas Pombas Giras, ou seja, os Exus femininos. Outros são os Ciganos, frequentemente confundidos com os Exus, mas que são espíritos do povo cigano; e, por último, os Malandros, também equivocadamente confundidos com os Exus, são as entidades identificadas pela boemia, gosto pela vida noturna e, claro, a malandragem.

Um aspecto importante a ser destacado é o uso do branco pelos médiuns no terreiro umbandista. A escolha passa pela questão de a religião ter sido criada a partir dos preceitos de igualdade das classes sociais, credos e culturas. Por outro lado, pode-se observar trajes extremamente coloridos, colares de contas, semelhantes aos utilizados pelos afrodescendentes, fato justificado, novamente, pelo sincretismo presente na Umbanda que, neste caso, é proveniente do Candomblé. Outro ponto são os pés descalços: além de aumentar o contato com o solo – o que, de acordo com a crença, facilita a incorporação –, a ação representa também a igualdade.

3.5 MÚSICA E POESIA COMO GUIAS

Em um primeiro momento, as músicas podem parecer não desempenhar nenhuma função específica, porém, os pontos cantados, como são conhecidos, atuam dentro do terreiro de Umbanda como forma de oração e de direcionar as giras. As melodias conduzem todo o ritual, funcionando como mapeamento de cada momento, e é a partir delas que a benção, a

convocação das entidades e a expulsão das mesmas são feitas. Cada ponto cantado possui um ritmo e tem uma função diferente.

Outro quesito é a confirmação da matriz africana, referente ao sincretismo característico da religião. É por meio desses cantos sagrados que as entidades são invocadas, os pedidos das pessoas são feitos e as mudanças acontecem. Nesse sentido, as palavras assumiriam um sentido “mágico” e funcionariam justamente como a ligação entre o mundo terreno e o sagrado: cantar o ponto é o mesmo que estabelecer a comunicação com determinado Orixá.

Diógenes André Vieira Maciel explica o processo de criação das poesias musicadas nos terreiros umbandistas em seu trabalho “Poesia e crença popular nos pontos cantados de umbanda” (1999), e defende a natureza oral e anônima dos versos. Além disso, a poesia apresenta um

[...] caráter coletivo, pois antes de representar a individualidade, representa os anseios, modos de vida e objetivos do grupo no qual está inserida. É interessante destacar que os membros dessa religião não se reconhecem como criadores de poesia, isso porquê o sentido religioso e a busca da transcendência são as únicas finalidades deles, por mais que essas poemas simples estejam permeados por noções de mitologia e preceitos religiosos. (MACIEL, 1999, p. 100)

Outro elemento musical utilizado nos terreiros é o atabaque, espécie de tambor. Ele serve como instrumento sagrado para fazer o canto ter um “coração” que anima e dá força aos médiuns, servindo também como meio de ritmar todas as orações. O ritmo se altera de acordo com a música cantada, vontade do Ogam ou para a entidade a quem ela é dedicada. Mas é importante destacar que nem todos os terreiros o utilizam, alguns usam apenas o canto como forma de guiar a gira, fazendo do atabaque um elemento de escolha religiosa na hora do culto para os terreiros que sentem necessidade.

Neste capítulo foi mostrado um pouco da história da Umbanda, religião tipicamente brasileira, criada em 1908 por Zélio Fernandino. Mais tarde, sofreu sincretismo religioso agregando elementos do catolicismo e Candomblé, sem perder sua essência.

4. A ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA REINO DE OGUM

4.1 HISTÓRIA DO REINO DE OGUM

Alguns dos pontos de vista exibidos no documentário são fruto de observação dos hábitos dos frequentadores da Associação Religiosa Reino de Ogum¹ e de entrevistas com os médiuns Eduardo Abib, Ozeias Borromeu e Deivid Mattos. Para isso, é necessário fazer uma análise da história deste terreiro e explicitar algumas características da Umbanda e sua interpretação para os médiuns do Reino de Ogum. Esta religião legitimamente brasileira tem algumas variações no culto, por isso a importância de mostrar este ritual como algo representativo dos hábitos daquele terreiro e não da Umbanda de modo geral. O trabalho de campo começou a ser realizado em 29 de janeiro de 2013 e se estendeu até o dia 27 de julho. O material recolhido foi fruto de conversas com os médiuns e participantes, além de observações dos cultos, conversas e convivência entre os umbandistas. Iniciamos a ida ao terreiro assistindo a uma gira para Exú e Pomba Gira, onde foi observada primeiramente a dinâmica do rito. Em outras visitas, assistimos ao ritual e conversamos com frequentadores, e depois começamos a ter mais contato com os médiuns. Os termos empregados neste trabalho são os mesmo usados pelos umbandistas deste barracão e não palavras habituais de todos os terreiros. Destaca-se também que os fiéis são compostos por pessoas de níveis sociais semelhantes, não foi observado ninguém que representasse uma diferenciação social expressiva.

A história do Reino de Ogum começa em 1993, na cidade mineira Matias Barbosa, quando Eduardo Elias Abib e sua esposa, com autorização do Pai de Santo do

¹Associação Religiosa Reino de Ogum fica localizada na Rua Humberto Valério, número 21 – Bairro Progresso – Juiz de Fora (MG)

terreiro frequentado por ambos anteriormente, resolvem promover cânticos e orações umbandistas em sua própria casa. Inicialmente, a ideia é que esses cultos fossem fechados e apenas para o casal, mas, em pouco tempo, o som do atabaque atraiu vizinhos e amigos e logo Eduardo percebeu a necessidade de se tornar um Pai de Santo para formalizar seu terreiro e atender a todos que precisavam de uma palavra amiga (ABIB, Apêndice A).

Quatro anos mais tarde, Pai Eduardo T'Ogum se separa da mulher e muda-se para Juiz de Fora, cidade localizada a 21,5 Km de Matias Barbosa. Com a mudança, alguns médiuns amigos e com fé em Pai Eduardo, resolvem trazer o Reino de Ogum para a cidade e, a princípio, realizar as giras fechadas, somente para o grupo, por temerem alguma reação negativa das pessoas. Sendo assim, foi fundada, no bairro Progresso, Zona Leste de Juiz de Fora, a Associação Religiosa Reino de Ogum. Naquela época, a visão desta religião era mais preconceituosa como Deivid Mattos contou em entrevistas, foram entrevistados relataram que tinham medo de sair na rua vestindo as roupas brancas, tradicionais da Umbanda. Quando se iniciou, o galpão realizava cerimônias umbandistas apenas, mas por uma necessidade do próprio Pai Eduardo de afinidade com o Candomblé, o terreiro passou a ser também desta outra religião africana. Desta forma, é considerado um Omolocô (é em sua maior parte umbandista, mas tem influências e rituais do Candomblé).

4.2 FUNCIONAMENTO DO TERREIRO

Atualmente, o terreiro existe há quatorze anos no mesmo lugar, conta com mais de 50 filhos de santo e é aberto a toda a comunidade. As giras são realizadas às terças-feiras das 19h às 22h. Nesta associação especificamente, os ritos são divididos por grupos de entidades: na primeira terça-feira do mês é realizada a gira para Preto Velho e Erê; na segunda

é a vez dos Caboclos; na terceira toca-se para Boiadeiro e Baiano; e na última as entidades invocadas são os Exus e as Pombas Giras.

No decorrer das giras, existem formas de se perceber para qual entidade os médiuns estão tocando e em que momento o culto se encontra. É possível diferenciar esses pontos pelas letras das músicas, pela linguagem corporal, pelos acessórios e trajes que os médiuns usam, de acordo com o desejo de cada entidade. É bastante usual também que, na hora das giras, depois que os espíritos já estão presentes, os médiuns serem vestidos com a roupa que a entidade mais gosta e que a representa. O Boiadeiro, por exemplo, se veste com colete de couro de vaca, a Pomba Gira prefere usar vestidos luxuosos e várias joias, já o Exu costuma utilizar uma cartola e uma grande capa preta ou vermelha.

Ao incorporar, cada médium assume um comportamento diferente, na forma de agir e na postura das mãos. Os Malandros possuem aquele gingado frequentemente ligado ao molejo dos cariocas. Por outro lado, os Pretos Velhos andam mais encurvados e lentamente, e os Erês (as crianças) agem de maneira infantil, mexendo com todos do terreiro e fazendo brincadeiras. Os Boiadeiros se comportam de forma imponente, com os braços para trás, mãos fechadas e as vozes são geralmente fortes, já os Caboclos (relacionados ao povo indígena) apresentam um ar mais calmo e expressão atenta. As Pombas Giras (as prostitutas de antigamente) agem de maneira a se mostrar para as pessoas, sempre espalhafatosas e com as mãos segurando a saia na cintura, enquanto os Exus riem alto e profundamente, andam com as mãos retorcidas e tensas, como se formasse uma garra, atrás das costas e curvam o corpo para frente ou para trás. A própria letra das músicas representam histórias e jeitos típicos de cada casta de entidade falar. A música “Baiano bom” por exemplo, fala do povo baiano ser trabalhador, fazendo referência a ele ter saído da Bahia em busca de melhores condições de trabalho.

Baiano é um povo bom
Povo trabalhador
Baiano é um povo bom

Povo trabalhador
 Quem mexe com baiano
 Mexe com Nosso Senhor
 Quem mexe com baiano
 Mexe com Nosso Senhor

Cada um em sua época, essas entidades representam um povo que fez parte do país e que estão ligados com sua história e desenvolvimento.

Importante observar que não é uma característica da Umbanda ter reuniões nas terças-feiras ou até mesmo ter essa divisão entre entidades, isso foi uma decisão do Pai de Santo Eduardo (ABIB, Apêndice A), por conta do seu trabalho durante o dia. De acordo com ele, a terça-feira é o dia do Orixá dele. A gira é sempre guiada pelo boiadeiro do Pai, regente da casa, e é ele quem escolhe a ordem em que as entidades virão.

Os médiuns são os responsáveis pela organização do terreiro, feitura de comidas para os próprios e para realização de trabalhos religiosos. Nas giras, eles têm a função de receber as entidades que darão conselhos aos frequentadores. Entre esses médiuns, percebe-se uma hierarquia. Como líder religioso, está o Pai de Santo Eduardo, seu braço direito é conhecido como Pai Pequeno e outra figura importante é a Mãe de Santo ou Équede. Esta última é quem cuida do terreiro enquanto o Pai de Santo está incorporado. Eles chamam de Ogam o responsável por tocar o atabaque, que é necessário ser identificado com características de um Ogam para se tornar um – como não ter o dom da incorporação, apesar de haverem exceções. Os demais médiuns recebem entidades, ajudam na condução das músicas, auxiliam nos cuidados com o corpo dos médiuns incorporados ou atendem aos pedidos das entidades.

A Associação Religiosa Reino de Ogum faz uso do atabaque, entretanto, deve-se ressaltar que o instrumento não é obrigatório em todos os terreiros umbandistas. É uma escolha do Pai de Santo por vontade ou indicação espiritual. O atabaque dá o ritmo da música que serve para iniciar a gira, realizar a benção, defumar o ambiente, chamar entidades e pedir para que elas deixem os corpos dos médiuns. O ritmo varia um pouco dependendo da entidade

para que se toca, para Exu e Pomba Gira o toque é mais acelerado e forte, já para Preto Velho o som parece menos explosivo.

4.3 A INCORPORAÇÃO COMO TRANSFORMAÇÃO

A incorporação é o principal ato do ritual, é por meio disso que o médium empresta seu corpo para a entidade fazer o bem e aconselhar quem necessita. É perceptível que esses médiuns fazem um estudo e um treinamento com Eduardo T'Ogum, em que ele ensina como lidar com a mediunidade. Durante as cerimônias, quando são invocados, esses espíritos tomam o corpo dos médiuns e eles parecem estar em transe. A postura se altera, assim como o jeito de falar. Cria-se um sotaque diferente e palavras, que parecem ter sido utilizadas pelas pessoas de gerações passadas, são empregadas. A fisionomia como um todo se transforma: o olhar muda e, muitas vezes, os médiuns adquirem hábitos, que não são próprios deles, como fumar e beber.

Um dos personagens do documentário, Ozeias Carlos Borromeu (BORROMEU, Apêndice C), se comporta como outra pessoa ao incorporar um Boiadeiro. O garoto de voz mais fina e trejeitos delicados se transforma: os movimentos ficam mais brutos, ele usa um chicote para bater no próprio corpo com violência, a postura fica mais tensa, as feições tranquilas desaparecem e dão lugar a expressões mais rudes. Essa alteração é perceptível em todos os médiuns, cada um a sua maneira. É comum em gira de Pomba Gira que elas fumem e, em alguns momentos, apaguem o cigarro no corpo de quem as recebe, sem causar nenhuma reação perceptível da pessoa, nem dor, nem marcas na pele.

Abordou-se aqui uma pequena análise sobre as entrevistas dadas pelos membros da Associação Religiosa Reino de Ogum, localizado no bairro Progresso, em Juiz de Fora e também sobre as observações realizadas da dinâmica do terreiro e das giras. Foi possível notar

as particularidades deste terreiro frente aos elementos pertencentes a religião como um todo.

O capítulo seguinte tratará sobre a montagem do documentário propriamente dito.

5. SOBRE O DOCUMENTÁRIO

5.1 OS PERSONAGENS

O documentário é constituído pelo depoimento de três personagens. O Pai de Santo da Associação Religiosa Reino de Ogum, Eduardo Elias Abib, que é a autoridade máxima do terreiro, domina a história umbandista e tem fé em toda a sua doutrina. A trajetória religiosa do Pai Eduardo T'Ogum se inicia muito cedo. Seus pais sempre foram espíritas e ele, desde menino, os acompanhava, frequentando centros espíritas em Juiz de Fora. Sua mãe, certa vez, recebeu uma entidade umbandista e ele, curioso e sensível a esses contatos, resolveu procurar saber mais sobre aquilo. Sua mãe então, o levou a um terreiro umbandista e ele se sentiu bem com tudo aquilo. Começou a frequentar o barracão, e, com apenas 14 anos, sentia que tinha o dom da incorporação, apesar de não ser comum entre os umbandistas receber os espíritos muito cedo. Sua primeira entidade foi recebida aos 14 ou 15 anos, quando já estudava a religião. Esta entidade revelou em sonho o seu nome, pois até então, Eduardo tentara descobrir quem possuía seu corpo e a entidade não revelava. Neste sonho, Pai Antônio aparece e coloca fim à dúvida do menino. Depois, ele se desenvolveu para receber outras entidades. Aos 17 anos, Eduardo tem sua primeira filha e se muda para Matias Barbosa. Por necessidade religiosa, ele e a esposa começam a realizar um rito apenas para eles, com o aval do Pai do terreiro frequentado por eles anteriormente, mas logo o som chama a atenção dos vizinhos, que em busca de iluminação, começam a frequentar a casa da família de Eduardo. Pouco tempo depois, ele sente a necessidade de se tornar um Pai de Santo e poder oferecer ajuda àquelas pessoas. A partir dessa decisão, Eduardo inicia seus estudos sobre a Umbanda e funda seu próprio terreiro em Matias Barbosa, onde começa a contar com a participação de outros médiuns para realizar os ritos.

Ao se separar da mulher, anos depois, ele se muda para Juiz de Fora, cidade onde, com ajuda de alguns médiuns, também transfere o terreiro. Eduardo não vive de contribuições para a vida religiosa e trabalha com o pai em um escritório de contabilidade. Ele não vê necessidade em viver da Umbanda, pois acha desnecessário utilizar a religião como forma de sustento. Este personagem foi escolhido por diversos motivos: é rico de história pessoal e vivência religiosa, além de ser um estudioso de várias religiões. O Candomblé entrou na sua vida mais tarde e, atualmente, Pai Eduardo T'Ogum é um Pai de Santo e um Babalorixá do Candomblé.

Outro personagem é o médium Ozeias Carlos Borromeu, que tem a família toda evangélica e já foi obreiro da Igreja Universal. Ozeias conta que, inicialmente, sofreu preconceito pelos familiares, mas, que com o passar do tempo, eles entenderam que não adiantava mais repreendê-lo, pois, de acordo com Ozeias, ele havia se encontrado lá. Alguns dos amigos do trabalho também não o entendem, dizem que não é uma “coisa de Deus”. A história desse personagem começa na religião evangélica, da qual participou até os 16 anos. Ele relata que passou por várias decepções, que o levou a abandoná-la. No período que ficou sem frequentar cultos de nenhuma religião, sofreu de insônia. Uma amiga, preocupada com a situação, o levou a um terreiro e, mesmo com receio da religião, o jovem foi pela necessidade de melhora. No início, Ozeias se assustou, mas se consultou com uma entidade mesmo assim. Neste primeiro contato, a entidade o aconselhou e disse que, se não houvesse nenhuma melhora, ele não precisaria retornar ao local. Entretanto, na mesma noite, Ozeias conseguiu dormir novamente, depois de semanas de insônia, sinal de que a religião lhe fazia bem, Hoje, ele é umbandista há sete anos, sendo que o terreiro do Reino de Ogum é o segundo que ele frequenta.

Por último, a mão direita do Pai de Santo, Deivid Mattos. Dentro da religião, existe a designação de Pai Pequeno, que é o responsável por zelar pelo terreiro e por ter certas

responsabilidades, como a de fazer a purificação dos símbolos umbandistas. O Pai Eduardo, depois de perceber o envolvimento do médium, o chamou para o “cargo” de confiança de Pai Pequeno do terreiro. O mestre de capoeira relatou que foi procurar a Umbanda, pela raiz africana da religião, semelhante com a capoeira. De acordo com Deivid, também conhecido como “Mãozinha”, ele se sentiu atraído pelo batuque e pelo som do atabaque. Ele já fez faculdade de História, Publicidade e Design. Já frequentou o catolicismo e as religiões evangélicas. Deivid se encontrou na Umbanda e faz parte dela há mais de 20 anos.

5.2 DA CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO AO PRODUTO FINAL

5.2.1 Alterações iniciais

O documentário começou a ser construído com outros personagens e outra temática. Inicialmente, ele também teria três personagens, o Pai de Santo Eduardo, Ozeias e a Juliana, estudante de Educação Física e médium do terreiro. O questionamento que o roteiro anterior fazia também era diferente, e a proposta inicial era tratar sobre a desmistificação da umbanda. Nas gravações, foi-se percebendo a necessidade de criar outro questionamento, que restringisse mais o universo da religião umbandista a um tema apenas. Isso resultou na substituição de um dos personagens, no caso, a Juliana, e na criação de um roteiro que tratasse sobre a incorporação e não da religião como um todo. Outro ponto alterado com o desenvolvimento do projeto foi o referente ao processo de gravação: a princípio, a ideia era registrar cada gira de entidades diferentes, por exemplo, na primeira terça-feira do mês, toca-se para Pretos Velhos e Erês, na segunda terça-feira, a gira é destinada aos Caboclos e assim por diante. Entretanto, essa lógica também foi alterada, porque se percebeu que haveria um problema de continuidade no decorrer da edição. Dessa forma, foram dois dias destinados à

gravação das giras por completo – de Boiadeiro e Baiano; e Caboclo – um dia para o registro de detalhes do local, como o altar e as imagens, outro para gravar as entrevistas.

Outra alteração essencial foi o subgênero. Inicialmente pensava-se em fazer um documentário reflexivo, entretanto, depois das gravações e de concluir uma primeira edição, viu-se que problemas na captação de som na hora das entrevistas, fizeram com que um novo roteiro fosse pensado, dessa vez de cunho expositivo. Este roteiro foi construído na hora da montagem do material, depois da análise das cenas já construídas.

As gravações começaram no dia 02/07/2013 e terminaram no dia 27/07/2013. Sempre nas terças-feiras e nos sábados, porque são os dias, respectivamente, em que acontece a gira e que o Pai de Santo faz atendimentos individuais para os frequentadores, junto com os médiuns. Durante o período de gravação, todas as pessoas envolvidas, tanto os médiuns, quanto a assistência, colaboraram muito com as gravações – auxiliando com informações sobre determinada variação da gira e questionamentos da equipe, além de ajudar a colocar a iluminação nas vigas do teto. O grupo foi sempre receptivo e disposto a ajudar, e não houve nenhum tipo de empecilho para as gravações.

5.2.2 Técnicas e equipamentos utilizados na gravação

Para gravar, optou-se pela utilização de duas câmeras uma Canon 60D e uma Sony. Uma responsável pela captação de áudio e por imagens mais abertas, sempre no tripé, enquanto a outra fazia imagens mais fechadas e em movimento, utilizando o *sholder*. A câmera que captou as imagens mais abertas ficou próxima à porta, pois permitiu um plano amplo de toda a sala, onde acontece a gira, e ainda serviu como ponto de vista do acontecimento da assistência, porque é o lugar onde os banquinhos do público ficam localizados. A dificuldade maior foi lidar com a câmera de detalhes, pois era necessário entrar

no meio do ritual para conseguir imagens mais específicas, como a do momento em que o público conversa com as entidades. O lugar é muito pequeno e a quantidade de pessoas, dependendo da gira, é muito grande. Houve algumas outras dificuldades neste sentido, como onde colocar os fios da iluminação, sem que eles aparecessem muito ou chamassem muita atenção, pois, além de ser pequeno, o local só conta com uma tomada para ligar todas as luzes, que fica no caminho entre a sala principal (da gira), a dos fundos (do Pai de Santo) e da cozinha, lugar por onde todos os médiuns trefegam.

Inicialmente, se pensou em colocar uma iluminação quente, perto do altar e outra na sala do Pai de Santo, que apresenta uma abertura logo atrás do altar, para dar um resultado semelhante ao da luz de velas. Na prática, percebeu-se que o lugar onde a iluminação seria colocada na sala do Pai de Santo atrapalharia a passagem dos médiuns, e a luz perto do altar não alcançaria o efeito desejado. Assim, optou-se por colocar a iluminação somente perto da cozinha, em uma janela que dá para dentro do terreiro, e deixá-la mais quente – com o intuito de recortar o atabaque e quem estivesse próximo a ele, já que o instrumento fica em frente à janela e representa peça fundamental neste terreiro, fundamentalmente como chamariz das entidades.

5.2.3 Entrevistas

Nas entrevistas, montamos perguntas sobre diversos assuntos, como a vida fora do terreiro, a incorporação, o preconceito sofrido pelos médiuns e a organização da gira. O objetivo foi reunir o máximo de respostas relacionadas à questão principal do filme, a incorporação, além de colher informações suficientes para montar um perfil de apresentação de cada personagem e algo mais pessoal, que justificasse a escolha de determinada pessoa em detrimento de outra. Para o Pai de Santo, foi perguntado coisas relacionadas com o andamento

do terreiro, horário das giras, como elas funcionam e sobre a história da umbanda. Para o médium Ozeias e para o Deivid as perguntas se direcionavam para o sentimento deles na hora da incorporação. Algumas perguntas foram feitas para todos os entrevistados, como quando eles entraram para a umbanda, para que eles contassem suas histórias dentro da religião.

Um problema comum em entrevistas gravadas é a timidez do entrevistado ao responder determinadas perguntas. Um exemplo aconteceu com o Ozeias. Nas conversas feitas antes das gravações, ele contou que o que o levou a não se sentir mais parte da igreja da qual fazia parte era ser homossexual. Na hora da gravação, ele foi questionado sobre isso e não respondeu. Foram feitas 3 perguntas buscando essa resposta e ele não disse em nenhuma das vezes. O Pai Pequeno, também nas conversas feitas anteriormente respondeu a todas as perguntas com extrema clareza, entretanto, na gravação, ele se perdeu muito nas respostas de questões que já havia respondido, isso dificultou a escolha das falas dele, pois maioria se mostrava perdida. O Pai Eduardo respondeu todas as perguntas feitas e com máxima clareza, mesmo perguntas que ficamos com certo receio de fazer, como as que tratavam das pessoas duvidarem da incorporação e da religião dele.

5.2.4 Roteiro e montagem final

Na última versão do roteiro oficial, foi dada preferência por uma narrativa linear, que não corrompesse a compreensão da dúvida que se procurou gerar. Com esse intuito, se escolheu por localizar o terreiro, mostrar a rua do lugar, e deixar em *voz over* as informações de fundação e das primeiras ligações que os personagens tiveram com ele. Neste primeiro momento, o *voz over* é empregado, sem que se identifique o dono da fala, para aguçar a curiosidade do telespectador. Frases aparentemente sem sentido, como as do Pai de Santo, “A gente ia fazer tipo um grupo de estudo e de desenvolvimento e iria dar continuidade. Foi

quando a gente achou esse galpão. Que eu tô aqui deve ter mais ou menos uns 14 anos mais ou menos” adquirem significado ao longo do documentário.

Já dentro do terreiro, mostram-se alguns elementos simbólicos, como as imagens sagradas de diferentes religiões (no caso, católicas e umbandistas), que se mesclam e concretizam a ideia de sincretismo presente na Umbanda. É importante destacar que, até este ponto, não foi falado ainda sobre o que o documentário se trata. Simultaneamente, o áudio do segundo personagem, Ozeias, entra falando como a religião é vista por pessoas de fora: “Muitas pessoas algumas falam assim ‘olha que legal’ assim, eu ouço muito falar assim: ‘mas eu nunca fui, queria saber como é que é’. Às vezes me pergunta as coisas, muitos assim discriminam, falam que isso não é coisa de Deus não, ‘vai procurar Deus’”. Nota-se que a palavra “Umbanda” não é citada até o momento, o que deixa o público sem saber qual o objeto do trabalho. Logo em seguida, Ozeias questiona em *voz over*: “mas porque que não é coisa de Deus? A gente crê em Deus também”, para reforçar a tese de que a religião umbandista é como as outras, sem citar o nome. Reforça-se aqui que todas essas falas só farão sentido a partir do momento em que o documentário deixa claro o tema.

Em seguida, alguns detalhes da gira são mostrados, como os pés dos médiuns rodando e o instrumento atabaque, sem abrir muito a imagem. É nesse momento que o terceiro personagem, Deivid, é apresentado, da mesma forma que os anteriores, por meio do *voz over*: “Eu sou mestre de capoeira, então assim, por vir de uma raiz africana, tive uma influência muito grande com o batuque que a capoeira oferece, juntamente com o berimbau. E logo eu vim conhecer a Umbanda e me identifiquei muito com a religião e com o batuque, a verdade foi essa. Me envolveu pelo toque de atabaque, pelo envolvimento da roda que se faz na Umbanda, pelos cânticos”. Percebe-se que é a primeira vez que alguém dá algum tipo de explicação sobre o tema do filme, mesmo que ainda vaga. A partir daí, as imagens

apresentam-se mais abertas, como se o espectador começasse a compreender o “quadro completo”.

Nesta construção final, optamos por preservar elementos que dessem ambiguidade para a história, ou seja, colocamos uma reza católica que foi feita no primeiro dia de gravação, mas não se repetiu nos outros, para contestar que aquela religião, que sempre foi colocada como religião do mal, também possui elementos de algo bem comum no dia a dia de tantos brasileiros. Tudo isso, para depois entrarem imagens da incorporação mostrando a mudança aparente que eles mesmos sofrem se transformando em outra pessoa pela incorporação. Ainda assim tudo muito sutil para não corromper o subgênero expositivo, que é altamente didático e sem muitas contradições e que provoque o espectador.

No final tudo foi montado para que o espectador, depois de conhecer a incorporação, ato mais curioso da umbanda, se comparada a outras religiões mais populares no país, saia daquele ambiente e volte para a rua do terreiro. Os créditos sobem ao som dos carros passando na rua.

O título do documentário só foi decidido depois de tudo ser construído. O nome vem de uma das músicas que os umbandistas usam para chamar o Boiadeiro do Pai de Santo, que rege o terreiro. A música fala da vinda do Boiadeiro e é cantada para invocá-lo. Desta maneira, o título faz referência a invocação, ação que precede a incorporação, tema central deste documentário.

No relatório foi possível perceber todo o processo de construção do documentário, desde sua pré produção, quando se pensava em fazê-lo reflexivo e com um tema mais amplo até o produto final, expositivo e com um tema mais fechado, a incorporação em si e os sentimentos dos médiuns ao usar o corpo como forma de ajudar as pessoas que vão em busca de respostas. Também foram apontado os problemas na hora da gravação, como a dificuldade de cinegrafar o rito sem interferir naquele momento de extrema fé dos umbandistas.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho se baseou no documentário “Quem vem lá”, produzido para tratar sobre a incorporação, rito típico da Umbanda. O filme tem como base a incorporação em si, elemento tão fundamental dentro da religião e como é a interpretação dos umbandistas da Associação Religiosa do Reino de Ogum. Para eles, funciona como forma de fazer o bem: o médium empresta o corpo para que a entidade dê conselhos que um espírito não tão evoluído poderia dar. A importância dessa análise é, sobretudo, a receptividade dos membros do terreiro durante todo o processo de produção até a gravação, principalmente, porque os terreiros umbandistas não costumam ser tão abertos a trabalhos desse tipo, em que a equipe passou a frequentar e, por algumas vezes, interferir na dinâmica de funcionamento do local.

As dificuldades foram inúmeras para a gravação. Por ser um documentário e não utilizar atores, foi complicado gravar em um ambiente tão movimentado e com tantas pessoas. Também houve dificuldades técnicas, pois a equipe de gravação era muito reduzida, mas foram sanadas a cada novo dia de gravação ou provocaram algumas mudanças no roteiro que ajudaram a lidar melhor com cada novo problema que surgia. Daí a importância do tema ser estudado e da direção conseguir se adaptar às alterações constantes, mesmo sem fugir da base do roteiro. Da direção surgiu a dificuldade de orientar uma equipe que se alterava toda semana em um ambiente que trazia o mesmo ritual, mas com diferenças constantes e de grande importância para montar um programa de gravação a cada dia.

A montagem se fez depois de diversos roteiros e discussões sobre a produção de sentido dentro de um tema delicado. O produto final passou por tantas alterações, que o primeiro roteiro não existe em nenhum momento do “Quem vem lá”.

Todos os documentários assistidos na pré-produção para escolher o subgênero foram essenciais, assim como todos os autores que tratam deste tema. Estudar a religião, sobretudo, nos ajudou a compreender o conjunto de cenas carregadas de simbolismos umbandistas que eles executavam em cada gira e em cada sábado, em que as entrevistas foram gravadas, para, assim, escolher a melhor forma de provocar o espectador.

Por fim, acreditamos que o conhecimento adquirido sobre essa religião brasileira tão rica e vista com olhos tão preconceituosos seja transmitido através do documentário e possa fazer com que os espectadores reflitam ou pelo menos se questionem sobre a visão que tem desta e de tantas outras coisas que estão acostumados a ver sempre de um jeito menos importante.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, C.P.F. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.

FREITAS, Byron Torres de; e PINTO, Tancredo da Silva. **Fundamentos de Umbanda**. Souza: Rio de Janeiro, 1957.

KARDEC, Allan. **Livro dos Espíritos**. 1857.

LORENZ, Valdomiro. **Sublime Canção da Imortalidade**. 1936.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. Campinas: Editora Papirus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

REYNA, Carlos Pérez; SILVA, Dartagnan Abdias; PIRES, Liliane Ribeiro. **A Antropologia Visual e o Rito Alguns Elementos Etnográficos de um Omelokô em Juiz de Fora**. Artigo Acadêmico apresentado no XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil, 2012.

RIVAS, F. Neto. **Além das aparências: uma visão da história umbandista**. São Paulo: Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Teologia Umbandista, 2006.

SANTOS, Erisvaldo P. dos. **A Educação e as Religiões de Matriz Africana: Motivos da Intolerância**. UNILESTE-MG. s.d. Em PDF.

SOUZA, Leal de. **O espiritismo, a magia e as sete linhas da umbanda**. Rio de Janeiro, 1933. Em PDF.

PRANDI, Reginaldo. **As Religiões Negras do Brasil – para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros**. Revista USP (28) – dezembro / fevereiro 95 / 96. Em PDF.

CÂMARA Viajante. Direção: Joe Pimentel. Ceará: Trio Filmes, 2007, 1 DVD (20min), son., color.

ILHA das flores. Direção: Jorge Furtado. Brasil: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. 1 DVD (13 min.), son., color.

MORADA. Direção: Joana Oliveira. Brasil, 2011. 1 DVD (78 min.), son., color.

SANTO Forte. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil: Rio Filme, 1999. 1 DVD (80 min.), son., color.

WHEN You're Strange. Direção: Tom DiCillo. Estados Unidos: Paris Filmes, 2009. 1 DVD (86 min.), son., color., legendado.

APÊNDICE A

Entrevista concedida pelo Pai de Santo Eduardo Abib, pessoalmente, no dia 27/07/2013.

Autoras: Como você entrou para a Umbanda?

Abib: Olha, eu entrei para a Umbada, mas já nasci numa família espírita Kardecista. A minha mãe carnal fazia um culto no lar kardecista. Mas a minha mãe também ia em um terreiro de Umbanda, o Venâncio Café. Minha mãe tinha as entidades dela, que eram o Caboclo e o Preto Velho. Em algumas dessas reuniões, o culto no lar, às vezes a entidade dela chegava. Eu ainda muito jovem, com os meus 10 ou 11 anos, muito jovem ainda, tive curiosidade de conhecer outras entidades e pedi para a minha mãe me levar. “Ô mãe, me leva que eu gostaria de conhecer, ver outras incorporações, vou ao centro kardecista, mas eu queria ver entidades de Umbanda, gosto do Preto Velho, do Caboclo”, falei. Então o primeiro lugar que ela me levou foi no Venâncio Café. Eu ainda era criança. Quando cheguei no Venâncio Café e vi a incorporação de vários médiuns, me apaixonei. Foi uma emoção muito grande e eu ainda muito criança, muito jovem, me apaixonei pela religião. E dali eu comecei. Minha mãe conhecia o presidente do centro e falou para ele cuidar de mim. E eu comecei ali. Comecei a fazer parte da casa e a desenvolver a mediunidade, que era um dom que eu já tinha e passei a aprender a lidar com essa energia que tenho.

Autoras: E como você descobriu sua entidade?

Abib: Pois é. Eu desde novo já sentia essa mediunidade. No culto no lar mesmo. Eu já sentia essa energia dos amigos espirituais. Ao chegar no Venâncio Café foi descoberto que eu tinha mediunidade de incorporação. Então, desde novo eu já sentia essas influências.

Minha mãe chegou até a me levar em uns centros para ver se não tinha como essas entidades não incorporarem porque eu era muito novo, se tinha como desligar uma coisa que não tem como desligar, né?! Quando eu comecei no Venâncio Café, eu comecei a desenvolver a minha mediunidade e fui orientado a como lidar com isso. A primeira entidade que veio em mim foi o Caboclo Pena Branca. Mas a bem da verdade, ele não chegou no Venâncio Café. Eu fui convidado por um amigo para ir em outro terreiro. A entidade do Venâncio Café tinha falado: “Você tem as suas entidades, mas eu não posso dizer o nome ainda”. Eu fui em outro terreiro e foi a primeira incorporação que eu tive, o chamado Caboclo Pena Branca. A segunda entidade que veio em mim era um Preto Velho, mas eu não sabia o nome. Eu perguntava para as outras entidades que estavam incorporadas e elas falavam também que não poderiam falar o nome da entidade: “Não, eu não posso dizer, deixa para a hora certa, vá e faça suas orações, peça que ele deixe o nome, a própria entidade incorporada”. Ai eu tive um sonho, e nele eu tava dentro de um terreiro e uma pessoa me pegava pela mão e falava: “Vamos ali que uma pessoa quer conversar com você, a entidade quer conversar com você”. Quando eu cheguei perto dessa entidade, eu não vi a forma, eu só vi um vulto branco. Eu lembro que ele pegou na minha mão e falou: “Meu nome é Pai Antônio”. E dali eu acordei. No outro dia eu voltei ao Venâncio Café, voltei ao centro espírita, e quando eu fui falar com a Preta Velha que tinha me atendido, a Vovó Câmbida, ela falou: “Eu já sei o que você vai falar. Ele deixou o nome, é o Pai Antônio”. Foi confirmado. Então eu fui descobrindo assim. O Caboclo Pena Branca não. Logo que ele veio, na primeira manifestação, já se apresentou, já chegou e já cantou o ponto dele e falou que era o Caboclo Pena Branca. O Pai Antônio vinha, trabalhava, mas não deixava o nome, ele veio deixar o nome depois, através de um sonho que eu tive. Sonho é um tipo de mediunidade também.

Autoras: E como você decidiu virar um Pai de Santo?

Abib: Foi muito por acaso virar um Pai de Santo. Acabou que eu não fiquei no Venâncio Café e fui para outra casa, na qual eu tive uma ganância de conhecimento, queria aprender mais. Eu fui para uma casa onde tinha certa mistura, igual a esta aqui, onde se fazia Umbanda, mas tinha um toque do Candomblé. Era uma casa onde se cultuava mais aquela parte da Umbanda raiz mesmo. Eu comecei a ir lá, que é o Xangô Iansã aqui em Juiz de Fora mesmo. E lá eu criei muito carinho com a casa, comecei a trabalhar lá e o Pai de Santo da época criou muito carinho comigo, teve uma afinidade muito grande, o Vô Silvino, a ponto de incomodar outros médiuns. Quando tinha alguns trabalhos ele me convidava. Eu me senti um pouco incomodado, as pessoas gostavam muito da minha mediunidade, eu era muito procurado, os meus santos também. Eu pedi autorização ao meu Pai de Santo, porque morava em Matias Barbosa. Eu falei assim: “Ô Vô Silvino, eu posso montar um Congá na minha casa? Eu tenho um quartinho do lado de fora da minha casa, quero colocar uma imagem do meu Caboclo, do meu Preto Velho. A minha mulher é do santo também. Ai eu deixo a minha entidade incorporar e passar uma palavra de apoio, eu faço as minhas orações, tudo direitinho”. Quando eu comecei a fazer isso, uma vizinha ouviu e pediu. Falou assim: “Eu vi que vocês estão fazendo um ritual de Umbanda, você não deixa eu ir não? Tô precisando muito”. Pedi autorização pra minha entidade, para o meu Pai de Santo, e ele deixou. A vizinha foi, gostou muito, foi consultada, resolveu, tirou suas dúvidas. Na outra semana, a vizinha já foi com outra vizinha. Na outra semana, levou outra pessoa. E tudo começou por aí. Quando eu fui ver minha casa já estava cheia. Quando eu fui ver, pessoas que tinham problemas mediúnicos me procuravam, a gente equilibrava a mediunidade daquela pessoa, fazia um trabalho de desenvolvimento. Depois começaram a ficar na casa, quando eu vi o centro começou. Então, assim, não teve uma coisa de eu virar um Pai de Santo. A partir daí, eu comecei a me preparar, vi que já tinha muito movimento, já tinham Filhos de Santo. Então procurei aprender mais, estudar mais, procurei Pais de Santo, Zelador de Santo, Mães de

Santo, com mais experiência para poder me auxiliar. Meu próprio Zelador de Santo, o Vô Silvino, veio a falecer porque já era um senhor de idade. Eu comecei a ir para o Rio de Janeiro, São Paulo, outros lugares, em busca de outros Pais de Santos. Comecei a tomar algumas obrigações de Umbanda, que chamam rituais de Umbanda, que é para fortalecer a cabeça, tomei um Obê e um Borê. Fazer algumas obrigações de santo para que eu pudesse aprender e saber lidar melhor com aquilo.

Autoras: Nas outras religiões, no catolicismo, o padre não pode casar e vive da igreja, por exemplo. Como é a sua vida fora do terreiro?

Abib: Eu não vivo do santo. Eu trabalho, eu sou auxiliar de contabilidade, trabalho com meu pai, ele tem um escritório de contabilidade. O terreiro que se mantém, eu jogo búzios, cobro a ficha, tem a doação, os médiuns ajudam a gente a pagar as despesas da casa. O terreiro vive de doações, das mensalidades de quem puder contribuir, jogo búzios e tenho as consultas particulares. Eu não posso mexer nesse dinheiro que entra no centro para a minha vida pessoal, esse dinheiro é da instituição, entendeu? Eu tenho meu ganho, tenho o meu serviço para sustentar minha família e cuidar da minha família. Trabalho com contabilidade. Mas eu poderia sim viver como padre, largar a contabilidade, largar meu serviço e viver plenamente para o santo. Então as doações, os jogos de búzios, as consultas iriam manter o templo, o terreiro, a casa santa e também iria me manter. Mas não é meu caso hoje, eu não acho justo. Eu prefiro trabalhar para ter um dinheiro do meu suor para sustentar a minha família, ter as minhas despesas e a casa se manter. Não vivo do dinheiro do terreiro.

Autoras: Há quanto tempo o terreiro funciona aqui? Qual é a história daqui?

Abib: O terreiro começou em Matias Barbosa. Era da minha primeira esposa, ela também era do santo, gostava da Umbanda. Eu vim a separar da minha esposa. Quando eu

separei, deixei o terreiro todo para ela. O terreiro era na minha casa, do lado tinha uma garagem onde a gente fazia as nossas seções mediúnicas, onde tinha os toques de Umbanda. Quando eu separei, falei que ia deixar todos os médiuns e ia para a casa dos meus pais. Alguns médiuns que eram da casa me procuraram: “Ô Pai Edu, continua ensinando a gente, o senhor tem uma experiência muito boa, é uma pessoa que sempre se dedicou muito, estudou muito sobre a religião, continua desenvolvendo a gente, ensinando a gente sobre a Umbanda?”. E foi uma procura. Começamos a procurar o local, pra gente alugar, porque a gente não ia nem fazer uma reunião aberta. Aqueles médiuns que queriam continuar a aprender e se desenvolver iriam fazer tipo um grupo de estudo e desenvolvimento e iríamos dar continuidade. Foi quando a gente achou esse galpão. Só que por ordem maior espiritual, começamos a atender e a coisa toda surgiu.

Autoras: Vocês estão há quantos anos aqui?

Abib: Aqui, olha só, eu tô deve ter uns 14 anos mais ou menos. A gente tem o registro em cartório, depois eu posso confirmar direitinho. Aqui é registrado direitinho, mas é mais ou menos isso, 14 ou 15 anos. Mas neste aqui, tá? Porque era em Matias Barbosa, eu já era Pai de Santo lá. Minha vida de Pai de Santo começou muito cedo, eu tenho 38 anos de idade, desde 13 ou 14 anos eu já manifesto e já recebia entidade. Com 16 ou 17 anos, eu já tinha casa aberta. Foi quando começou tudo, porque eu também casei muito jovem. Com 17 anos, eu já fui pai. Desde jovem eu já comecei o meu Congá e foi quando começou o templo. Então assim, aqui tem 14 anos, porque, se for somar tudo, desde quando começou, dá mais de 20 anos.

Autoras: É normal Pai de Santo tão novo assim?

Abib: Não é tão normal, não. Na mediunidade, cada um tem o seu carma ou o seu darma a comprimir mesmo. A minha mediunidade se aflorou muito jovem. Inclusive a minha mãe conta que desde quando eu era muito novinho, tinha dois ou três aninhos, eu acordava muito assustado. Quando eu participava do culto no lar, ou ia no centro kardecista, eu via espírito, via entidade, conversava e apontava para quem estava com problema. A minha mediunidade vem desde muito cedo. Por isso a minha mãe me levou e rapidamente eu desenvolvi um trabalho mediúnico. Isso envolveu também o meu amor, porque eu me encantei demais com a religião, me apaixonei demais desde muito jovem. Virou o compromisso da minha vida, mas um amor acima de tudo, o amar aquilo que faço. Mas não é um caso que acontece com todo mundo. Eu conheci muito pouco de outras religiões. Eu vim a conhecer outras religiões depois de mais velho. Foi aonde eu criei muito carinho também com a Igreja Católica e gosto muito da filosofia Hindu. Fui começar a estudar outras, porque, para ser um Pai de Santo, a gente tem que estudar as outras religiões para debater, conversar, para saber receber uma crítica.

Autoras: Qual a importância do estudo que você e os outros médiuns fazem?

Abib: A gente estuda muito. Eu sou umbandista, mas também sou um Babalorixá de Candomblé. Eu que assumi um compromisso. Eu fiz o santo no Candomblé por necessidade, para poder ter alguns direitos maiores. Mas tenho um amor muito grande pela Umbanda, por isso permaneci na Umbanda. E é muito necessário que a gente aprenda o que está fazendo aqui dentro, para ter consciência do que estamos fazendo, porque não é uma brincadeira. Estar dentro de uma religião, principalmente na Umbanda, que a gente está lidando com um mundo paralelo ao nosso, mexendo com os amigos espirituais, e com a crença que a vida continua. Então, temos que dedicar muito, aprender sobre a mediunidade e aprender os fundamentos da religião: a história da religião, quais as orações, o que foi

passado, como é a incorporação. A nossa religião é muito envolvida com a natureza é necessário conhecer bastante das ervas, sobre as oferendas. É tudo muito ritualístico. Temos que aprender os rituais, mesmo sabendo que o Orixá é um deus em planos mais evoluídos, ele não precisa de comer e, muito menos, vai criar força espiritual ou luz com uma vela. São simplesmente os rituais a cumprir. Tanto eu, quanto meus Filhos de Santo procuramos sempre aprender mais sobre a religião, para que a gente se encaixe mais e faça um trabalho mais bonito.

Autoras: E como foi a criação da Umbanda?

Abib: A criação da umbanda começou com Zélio Fernandino de Moraes. Foi o primeiro médium. Ele muito jovem, começou a sofrer de mal psíquicos, algumas entidades encostavam nele. A família o levou no padre para fazer exorcismo. Comigo e o Zélio, às vezes a entidade vinha e falava em um tom, com voz de uma pessoa de idade, ou com tom mais arrogante, com linguagem de caboclo, de índios. E a família o levou no padre para fazer exorcismo, era um padre conhecido da família. Sem resultado, levaram o Zélio no hospital e nada foi constatado. Uma vizinha falou para levar ele para a Federação Espírita de Niterói.

A Umbanda começou em Neves, perto de Niterói, São Gonçalo. A vizinha do Zélio disse que na Federação a família acharia uma resposta. Ele foi até a Federação Espírita e foi convidado para participar da reunião de desobsessão. Porque no centro espírita kardecista não existe a incorporação dos espíritos aberta, é para um grupo fechado. A partir daí, veio a primeira entidade de Umbanda registrada, que foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Esse nome é bastante simbólico, porque perguntaram para ele: “- Qual é o seu nome? E ele respondeu: se vocês querem que eu dê um nome, vou me intitular Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque onde eu estiver, todos os caminhos serão abertos ou farei de tudo para abrir os caminhos das pessoas. E digo mais, quero que o meu menino, no dia de amanhã, na casa dele, comece uma

reunião no qual eu vou fazer uma incorporação, outras pessoas irão seguir, as colinas e montanhas de Niterói vão divulgar isso e outras pessoas vão vir para que se inicie o novo culto. No começo foi chamado de umbandá. Pode ser que tenha sido uma falha de comunicação do espírito com a matéria. Porque a palavra Umbanda significa trabalho para caridade. Daí começou o culto na casa do Zélio Fernandino de Moraes mesmo, na rua Floriano Peixoto número 21, na cidade de Neves. Dali ele foi preparando, foi orientado pela própria entidade, o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Dalí então veio o primeiro Preto Velho chamado de Pai Antônio, por coincidência eu também trabalho com Pai Antônio. Pai Antônio fez questão de continuar com as imagens católicas. Como prega a história, o que aconteceu foi que quando os negros vieram escravizados, eles faziam o culto deles. No dia que era dia de festa na casa grande, era quando eles faziam o culto do candomblé deles. Os senhores de engenho proibiram falando que era magia negra, bruxaria. Quando foi proibido, os senhores viram que os escravos não rendiam mais, por mais que apanhassem. Os senhores procuraram os padres, bispos e foi feita uma reunião e decidido deixar os negros fazerem o culto deles, mas desde que provem que é um culto que não é satânico. Os padres vão nas senzalas ensinar sobre o mestre Jesus, Santos Católicos, vão ensinar e levar imagens. Eles fazendo o culto deles perante essas imagens, podem fazer o culto. Foi onde começou o sincretismo. Através das histórias que os padres contavam eles começaram a fazer comparação: São Jorge guerreiro se parece com Ogum. E foram fazendo essas comparações de onde nasceu o sincretismo. O Preto Velho Pai Antônio, primeiro Preto Velho que veio na Umbanda, falou que muitos escravos não concordavam, mas aceitavam para continuar o Candomblé, mas muitos gostaram, não conheciam as histórias e admiravam, acharam lindas, começaram a ter amor, carinho pelos santos e ele falou que no novo culto que se iniciava, teria as imagens católicas, Jesus, Santa Bárbara, São Jorge, que o sincretismo continuasse e a gente cultuasse as imagens, mesmo sabendo que as imagens são simbólicas.

Autoras: Eu estava lendo sobre a Umbanda, não lembro quem falou, mas tem um autor que fala que a Umbanda só agregou o Candomblé depois, com o atabaque e os cânticos. A princípio ela veio do Kardecismo e só depois foi agregando as outras religiões. É isso mesmo?

Abib: O Preto Velho falou: “- Vamos cultuar nossos Orixás da África, ancestrais. Preto Velho quis que cultuasse Orixás, os espíritos vão fazer incorporações, que não são tão aceitas nos centros Kardecistas, dos escravos, boiadeiros, mas vamos ter carinhos com os nossos Orixás. O culto começou sem atabaque e sem nada. Com o passar do tempo, ele foi se mesclando com o Candomblé, colocaram o atabaque, as comidas dos santos. Oferendas de comidas são do Candomblé. Na Umbanda mesmo, o que tem de comida são as feijoadas dos Pretos Velhos, as frutas dos Caboclos. Com o passar do tempo, candomblé foi se mesclando. Hoje é difícil achar aquela Umbanda raiz do Zélio Fernandino de Moraes que era feita de cânticos lentos e sem atabaques, na palma da mão. Hoje já se tem o atabaque e os outros rituais.

Autoras: Como são organizadas as giras?

Abib: As giras não tem necessidade de começar a noite. As entidades não tem preferência de trabalhar de noite, elas podem trabalhar em qualquer momento do dia. No meu caso, por eu trabalhar, ter o meu sustento, então pra mim eu saio do serviço e venho pra cá desenvolver o trabalho, mas não tem uma necessidade do terreiro funcionar à noite. Tem terreiros tanto em Juiz de Fora, São Paulo, Bahia, que tocam na parte da manhã, tocam na parte da tarde normalmente, não existe uma coisa específica pra isso. No plano espiritual se fala que não importa o horário, os amigos espirituais estão sempre prontos para atender. No meu caso que foi isso. A gira aqui no terreiro começamos a fazer essa separação. A gira aqui

no terreiro a gente começou a fazer essa separação. Na Umbanda existem as 7 linhas. Elas podem ser faladas de várias formas, uma delas são as entidades que incorporam na Umbanda: Caboclo, Preto Velho, Baiano, Boiadeiro, Marinheiro, Pomba Gira e Exús, as Crianças. Então, por ter essas 7 linhas da Umbanda, eu tentei dar oportunidade para todas as entidades trabalharem. Determinei o dia de terça-feira porque é o dia consagrado ao meu Orixá Ogum. Na primeira terça-feira trabalho com Preto Velho e Criança, a segunda com Caboclos de pena, a terceira com Baiano e Boiadeiro, e a última com os Exús e Pombas Giras. Então, foi uma ordem que eu mesmo coloquei na casa, para que todas as entidades pudessem trabalhar e fica um serviço mais organizado.

Autoras: Muitas pessoas não acreditam nas entidades, acham que é teatro. Como o espírito chega na pessoa? Como funciona a incorporação?

Abib: Uma das formas de explicar a incorporação, vou falar uma palavra dentro do rito da Umbanda, mas um pouco esotérica também. O espírito é feito de uma energia chamada de ectoplasma, essa energia também existe no nosso corpo material. Então, quando a entidade vai fazer uma incorporação, ela exala essa energia do ectoplasma e mistura com essa nossa energia e aí ela faz a comunicação. Não existe como meu espírito sair para que outra entidade venha, porque se não aconteceria o desencarne. Meu corpo cairia. Meu espírito continua ali e outra entidade mescla a energia do meu corpo para que se faça a comunicação. Esse é o primeiro princípio mesmo, que a gente tem a ideia de incorporação, a mesclagem de energia do espírito com o corpo físico mesmo. Pode acontecer uma sensação tão forte, uma incorporação, mesclagem tão forte que pode adormecer a gente. Então a gente as vezes não lembra do que está acontecendo. A gente pode perder as vezes um pouco os sentidos e a entidade ter um controle total do corpo. Como existe também os médiuns conscientes, ele está incorporado, mas está vendo e está ouvindo. Existe o semi-inconsciente, ele está acordado

mas não está vendo muita coisa. A entidade vai embora e ele não sabe o que está acontecendo. É o que eu sempre falo, o plano espiritual, a nossa mediunidade, pode ser trabalhada de vários campos, não só a incorporação. Existe a pictografia, psicografia igual ao Chico Xavier. Chico Xavier foi estudado pela NASA e sem achar nada. Para saber sobre mediunidade, incorporação. Não existe explicação para o Chico Xavier. 3 espíritos trabalhavam no corpo dele ao mesmo tempo na psicografia. Em uma mão ele escrevia em um idioma e na outra mão, outro idioma.

Um exemplo, aqui inglês, aqui alemão e na boca ele falava português. Então vários pesquisadores estudaram Chico Xavier sem ter uma prova científica, a não ser a mediunidade mesmo. Porque existe um mundo paralelo a este nosso.

Autoras: A gente vai colocar imagem da incororação. Como é que funciona, os espíritos estão lá e chegam na pessoa?

Abib: A gira é seguida pelo seu ritual. Então, quando a pessoa chega ela vai aprender os cânticos. A Umbanda é uma religião festiva demais. Tem os cânticos, todo aquele ritual, o cântico da defumação, o preparo do ambiente, todo um preparo mesmo. E dali as próprias cantigas que são cantadas é o que vai direcionar um trabalho. Então, existem as cantigas de incorporação, as pessoas que estão dentro do culto aprendem. Então, começa uma cantiga, os Ogans que são aqueles que tocam o atabaque, vão tocar uma cantiga de invocação. A pessoa que esta dentro do rito sabe que são cantigas de invocação. As próprias entidades mesmo auxiliam nisso. Então, começou a cantiga de invocação. Vai ser quando as entidades vão vir, vão fazer as manifestação tudo direitinho. A partir daí, começa o trabalho. As entidades fazem consultas para quem vem buscar a caridade, para quem vem buscar uma palavra de apoio. Ao encerrar as proprias entidades também vão saber. Os Ogans vão cantar cantigas de encerramento, convidando para que aconteça a desincorporação. Não existe isso

da entidade subir, o plano espiritual é junto do nosso, aquela mesclagem de energia vai soltar, o médium vai acordar. Tudo seguido pelo ritual, das cantigas, e das cantigas que é pregado pelos estudos e dentro do ritual mesmo.

Autoras: Desde a criação do terreiro, o pessoal do bairro já teve algum problema com vocês?

Abib: Sim, tivemos o preconceito sim. A Umbanda quando começou, o Caboclo falou que seria uma religião com pessoas menos aceita, em outras religiões, eram essas pessoas que a Umbanda queria. Preconceito contra o negro, ciganos, mulheres da vida, e por aí vai. As pessoas menos aceitas dentro da sociedade, as pessoas mais humildes mesmo, que as vezes não tinham uma roupa adequada pra ir na missa por exemplo. Esse era o tipo de povo que a Umbanda queria. Desde essa época começou o preconceito. Uma religião onde se aceitava todo tipo de pessoa, não importa se é branco, se é preto, pobre ou rico. Por isso colocamos roupa branca, todos de pés no chão, para mostrar uma igualdade. Dentro do terreiro de umbanda não existe o rico, não existe o pobre, não tem o melhor e nem diferença de raça, de cor, de nada. Nem mesmo de religião. Muitas pessoas de outras religiões vem buscar ajuda na Umbanda. Outro motivo foi porque é uma religião vinda da África, da raça negra, então aumentou o preconceito. E outra coisa, não é uma religião padrão, o cristianismo sempre prevaleceu. Então foi feita como uma religião pagã. Então o preconceito existe, mas já melhorou muito. Quando eu vim para cá, realmente os vizinhos se incomodavam com os atabaques, as críticas, outros religiosos já vieram aqui reclamar. Mas as entidades falaram para continuar com o culto, respeitando a todos. Aquele que quer fazer a caridade, não tem que se preocupar com os problemas. Hoje já está bem melhor, as pessoas respeitam mais. A Umbanda é uma religião de caridade, que ajuda o próximo. Mas melhorou muito, quando começou, na década de 40, os primeiros terreiros, eram em porões, eram nos fundos das casas.

No governo de Getúlio Vargas muitos médiuns foram presos. Hoje, os terreiros são de porta para a rua, na constituição nós somos reconhecidos e temos nossos direitos como qualquer outra religião. Então já vencemos muitas barreiras e cada vez mais estamos vencendo. Hoje em Juiz de Fora vai ter uma marcha religiosa, sobre direitos religiosos. Esse direito não é uma briga, e só mostrar para as pessoas que a Umbanda é uma religião de amor, ela não está para resolver os problemas das pessoas, é uma religião de apoio.

APÊNDICE B

Entrevista concedida pelo médium Deivid Mattos, pessoalmente, no dia 27/07/2013.

Autoras: Como você entrou para a Umbanda?

Mattos: A verdade é que eu entrei para a Umbanda por influência do esporte que eu praticava. Eu sou mestre de capoeira. Por vir de uma raiz africana, eu tive uma influência muito grande pelo batuque que a capoeira oferece, juntamente com o berimbau. E logo eu fui conhecer a Umbanda. Eu me identifiquei com a religião pelo batuque. Logo que eu me identifiquei, eu fiquei e estou aqui há 20 anos. Foi uma religião que me envolveu pelo toque de atabaque, pelo envolvimento da roda que se faz, pelos cânticos, coisa que eu não tinha até então me achado em outras religiões. Na católica, evangélica, eu não tinha achado esse envolvimento todo que eu achei, justamente pelo esporte que eu praticava.

Autoras: O que é ser o Pai Pequeno?

Mattos: Nada mais que o braço direito do Zelador de Santo, Pai de Santo. A função é estar auxiliando o Pai de Santo dentro da Casa, nas funções dentro da Casa de Santo. Na ausência dele é suprir as necessidades dele. Essa é a função do Pai Pequeno dentro da Casa de Axé. Estar sempre presente.

Autoras: Você incorpora também, não é? O que você sente?

Mattos: A incorporação é muito individual. É individual porque cada um tem uma forma de sentir a incorporação. No meu caso, parece que eu tomo um soco no rosto, na face e

eu apago. Parece que eu tomo um soco. Algumas pessoas, eu já ouvi relatos, pessoas caem como se estivessem em um redemoinho que puxa, outras pessoas parecem que desmaiam. Então ela é muito relativa, muito individual. A verdade é que ela acaba sendo individual, cada um tem uma forma de incorporação, a forma que ela sente a incorporação. Algumas pessoas têm uma taquicardia, um aceleração muito grande do batimento cardíaco, sente a proximidade da entidade. No meu caso, parece que eu tomo um soco, uma coisa próxima a isso que faz eu me sentir como se estivesse desmaiado. Essa é a sensação da minha incorporação. O restante eu não sei, o pessoal quando desacorda do santo, eu, por exemplo não tenho lembrança alguma e perco a noção do meu corpo, parece que eu estava dormindo e acordo em pé. É complicado, muito difícil de explicar isso.

Autoras: Você sabe diferenciar quando vem um Exú de quando vem outra entidade?

Mattos: Sente, na verdade isso é uma questão de doutrina e aprendizado dentro de uma Casa de Santo, dentro da religião. A gente sente uma energia diferente, sente uma energia mais tranquila, outra mais agitada, a gente tem uma certa distinção. A gente aprende a distinguir com o passar do tempo. Isso não é uma coisa que um novato com um ano ou dois anos consegue distinguir. Por isso é questão de aprendizado, de tempo na religião. Eu tenho 20 anos na religião, se eu não soubesse, podia caçar outra coisa. A gente vai aprendendo com o passar do tempo, aprendendo a distinguir as energias. Por mais que eu sinta, como eu falei antes que sinto um soco, a gente aprende a sentir essa energia. Assim a gente aprende quando é um Exú, um Preto Velho, um Erê. A gente aprende dessa forma, algumas pessoas escutam certas vozes, no meu caso eu aprendi a distinguir pelo o que eu sinto.

Autoras: Como a entidade chega até você?

Mattos: Parece que eu tomo um tapa, como eu falei. Diz o Kardecismo, e é uma lei da física que dois corpos não podem tomar o mesmo espaço. Diz o Kardecismo que a entidade toma conta do seu ectoplasma. Ectoplasma nada mais é que a energia que o corpo emana. Mas isso é o Kardecismo explicando dessa forma. Eu não sei, não sou kardecista. Eu não sinto essa incorporação, só o soco. Não sei se é igual o filme *Ghost*, não sinto assim. Fica até complicado de explicar. Posso falar de relatos. Algumas pessoas relatam que é igual no filme *Ghost*. Outras pessoas que falam que sentem a incorporação pelo corpo, uns pelo braço, outros pela cabeça. No meu caso parece que eu tomei um tapa, mas de que forma se segue depois disso, é um mistério para mim.

Autoras: O que você fala para a pessoa que acha que a incorporação é teatro?

Mattos: Como eu disse antes, eu acho que a pessoa que pensa que é teatro, está totalmente equivocada. Existem ateus que não acreditam em energia alguma, mas a grande maioria tem uma religião, não importa qual seja – Kardecista, Umbandista, Candomblecista, protestante, catolicista ou se ela faz parte do budismo ou hinduísmo – nas quais existem casos de incorporação. Na verdade, a incorporação se data antes de Cristo, desde a época dos egípcios. Esse povo dizia que a ideia de incorporação ou reencarnação vem dos antigos imperadores, ou faraós, que eram considerados deuses em forma de gente. Por exemplo, Ramsés era considerado filho do sol, então era considerado a incorporação do deus sol na Terra. Ele era incorporado, por assim dizer, o que ele falava era como a palavra de um deus. Mas existiram outras etnias que tiveram essa abrangência com o espírito, essa ligação entre o divino e o terreno. Depois, passando pela Era cristã, tivemos um massacre gigantesco, que foi a época da inquisição, em que se mataram mais de 50 mil mulheres pela prática de bruxaria no centro europeu. Mas a prática de bruxaria era muitas vezes o dom da incorporação, né. Não vou falar pela Umbanda, porque a Umbanda é uma religião recente, mas existia uma

incorporação, porque eles cultuavam de certa forma o paganismo. Então a incorporação vem se seguindo. Vamos pras religiões protestantes, que são as que mais entram em conflito com todas as outras religiões na questão de debater, mas em toda reunião deles tem uma manifestação do divino espírito santo. Eles falam sobre a língua, eles falam sobre a língua dos anjos, e isso nada mais é do que uma incorporação. Então, assim, cada um tem a sua crença. E na antiga Igreja Católica também, hoje em dia eles não fazem tanto isso, mas existia o exorcismo. O exorcismo nada mais é do que uma possessão demoníaca. Então o padre ia lá e fazia o exorcismo na pessoa. Hoje em dia não, eles têm a cabeça mais aberta, as pessoas, a difusão das religiões foi muito abrangente, no mundo inteiro, e chegamos ao ponto em que você chega à Igreja Católica e fala com o padre que está com um espírito demoníaco, e o padre vai falar o seguinte: “procura um centro espírita, procura um lugar pra você ir que você vai achar a resposta pra isso”. Evitam o ato do exorcismo. Mas, na verdade, essa palavra “teatro” dentro da incorporação é uma palavra até meio assim vamos dizer, leiga pra quem não sabe falar, sem embasamento. Porque historicamente isso vem desde os primórdios, desde os primórdios da humanidade. Já existe a ideia de incorporação.

Autoras: Você sofre algum tipo de preconceito dentro da sua própria família, entre os seus amigos, os em outros meios que você convive? As pessoas te olham diferente?

Mattos: É, o preconceito existe. Independente de religião, de opção sexual, o preconceito existe desde o momento em que seja diferente. Tudo que é diferente desperta o preconceito. Desde o momento em que você usa uma calça diferente, que não tá na moda, a pessoa já te olha de certa forma com certo desprezo, ou fala assim “ele é louco, maluco, ou não sei o que”. Isso é um preconceito. Então o preconceito não vem só de cor, ele vem de religião, ele vem de opção sexual, da forma como você se veste. Se você está fora dos padrões normais, você tá sofrendo preconceito. Mas já sofri, já sofri, hoje em dia nem tanto. Nem

tanto porque a intolerância religiosa ela tem, com o passar do tempo, diminuído. Porque na verdade a humanidade está aprendendo a ver com outros olhos o que se passa ao redor dela. Como assim? Ela começa a ver que o diferente não é totalmente estranho, não é totalmente exotérico, ou é totalmente, vamos pôr assim, Mas, assim, já sofri muito, na minha família, minha família é toda católica, alguns são protestantes, eu tenho tios que são pastores, e minha mãe, por exemplo, é católica apostólica romana, não falta um domingo à missa. Mas assim, toda vez que eu recebo algum tipo de preconceito, a pessoa pra vir discutir comigo religião, ela tem que saber muito. Porque antes de discutir, eu procuro estudar todas as religiões, independentemente de quais sejam. Eu sou um estudioso em relação à religião para eu ter embasamento para poder questionar, porque a religião é, de certa forma, abstrata. E por que abstrata? É um desconhecido. Cada um tem um ângulo, tem uma percepção de ver como é. Então, antes da pessoa questionar uma religião, ela tem que ter embasamento para falar que a dela é a certa. Apesar de não existir divindade alguma que esteve nessa Terra e falou que determinada religião é a certa. Vamos supor assim, nós vivemos hoje num país de religião católica, oficialmente. Porém a gente vê o grande avanço de todas as religiões, principalmente das protestantes. Nem na Bíblia existe algo falando “essa religião é a correta”. E eu conheço a Bíblia de cabo a rabo. Então, não existe discípulo algum que fale isso, não existe testemunho algum que fale, tanto no antigo quanto no novo ou nos evangelhos apócrifos, aqueles que não entraram na Bíblia. Não tem como hoje em dia você pegar e falar assim: “A minha religião é a certa”. Então essa questão de preconceito tem que ter um embasamento. Independente de nós estarmos num país predominantemente católico ou protestante, as pessoas não tem um embasamento para oferecer um preconceito. Tanto que quando eu passo por isso, eu tenho que debater o máximo possível. Na maioria das vezes, assim, debati entre amigos seminaristas ou com meu próprio filho que é obreiro da Igreja Universal do Reino de Deus. Foi uma conversa muito positiva, muito interessante, tanto pra eles, quanto pra mim. De ambos

poderem estar vendo as religiões. O preconceito só é imposto pras pessoas que não sabem discutir. Quando você é mais aberto pra discutir, você não sofre preconceito. Quando você tem embasamento, você consegue mostrar uma outra forma de ver.

Autoras: Como o seu filho se tornou obreiro?

Mattos: A família dele toda é. A família dele por parte de mãe é toda evangélica, aliás, tem algumas influências da minha família. Pra mim é bacana demais. Acho que essa ligação que nós temos, tanto eu respeito ele na religião dele, quanto ele na minha. E é muito bacana, a gente conversa muito a respeito de religião. Ele aprende muito comigo, assim como eu aprendo com ele, tanto por meio da leitura da Bíblia, como por meio da vivência que nós temos. Na verdade, a nossa religião vive de, como se fala, de um conhecimento passado na história dita, não é história escrita. Os conhecimentos são passados de pai para filho e daí sucessivamente, de geração para geração, diferente do cristianismo, em que existe uma Bíblia a ser seguida. Eu e meu filho temos uma troca de informação muito bacana, porque a minha forma de interpretação da Bíblia é diferente da dele, porque, na verdade, qualquer leitura, independente do texto, tanto sendo ele religioso, ou acadêmico, se você ler ele hoje, amanhã terá outra interpretação dele, você vê isso de outra forma, de um outro ângulo, você interpreta de outra forma. E se passarem mais alguns dias, você vai ver de outra forma ainda, você vai ver de milhões de formas. Então acaba sendo uma questão de vivência. Porque a gente acaba levando nossos textos do nosso conhecimento pra nossa vida particular. Se você ler uma passagem do texto, traz para a vivência, começa a aprender com isso. Então eu acho muito bacana essa interligação que nós temos, esse choque de religiões, é muito bacana, e um aprende com o outro, sabendo respeitar o espaço.

APÊNDICE C

Entrevista concedida pelo médium Ozeias Carlos Borromeu, pessoalmente, no dia 27/07/2013.

Autoras: Como é que você entrou para a Umbanda?

Borromeu: Eu era de outra religião, eu era evangélico. Eu nasci assim, minha família toda é evangélica. Eu tive que seguir a religião, porque toda criança tem que seguir a religião dos pais. Minha mãe e meu pai iam, ai eu tinha que ir. Ai eu acabei acostumando a seguir aquela religião, eu segui durante 12 anos, foi até os meus 20 anos. Com 20 anos, eu vi que não era uma coisa que eu queria para mim, que eu não estava me sentindo bem ali, ai eu sai e fiquei sem religião. Eu comecei a ter umas perturbações, eu via muitos vultos, via muita coisa. Ai eu fiquei três meses sem dormir, não dormia nem de dia e nem de noite. Vi que estava precisando buscar alguma coisa, eu tinha uma amiga que frequentava o terreiro de Umbanda, ai ela falou pra eu ir, que eu ia aprender a melhorar. Eu tinha medo porque tinha um certo preconceito, por ter seguindo uma religião evangélica durante tanto tempo, ter ouvido falar mal da Umbanda, eu tinha um pensamento errado. Ai decidi, porque estava precisando, eu fui la pra ver como é. Quando cheguei no terreiro de Umbanda, fui muito bem recebido, conversei com a entidade, ela falou comigo e contei os problemas que eu estava passando. Ela falou que a partir daquele dia que eu ia ver uma diferença. Ela falou que se eu visse uma diferença era pra eu voltar, se não, não precisava voltar. Ai eu sai de lá e fui para casa e já dormi. Tinha três meses que eu não dormia. Eu estava ficando mais calmo. Ai eu continuei indo, procurava a entidade para me benzer. Eu fui vendo melhora de tudo, continuei indo. Até eu ver que tinha algo mais espiritualmente. Mas eu não queria uma certa

responsabilidade com a religião, mas fui vendo que tinha essa necessidade. Eu comecei a me desenvolver a frequentar mais, fui indo e tudo. Ai eu fui tendo mais domínio de mim mesmo. Aprendi a dominar a minha mediunidade, eu fui frequentando aos poucos, indo conhecendo. Acabando a visão errada que eu tinha, foi evoluindo até chegar nos dias de hoje.

Autoras: Quanto tempo você está na religião?

Borromeu: Neste terreiro ou na religião? Na religião vai fazer sete anos.

Autoras: Como é que a sua família evangélica lida com isso? Como foi no início, quando eles descobriram?

Borromeu: No começo quando eu falei que estava indo ao terreiro de Umbanda, eles não aceitaram, era aquela visão que eu tinha no início. Brigaram muito comigo. Acharam que era algo diabólico, que era coisa negativa, coisa do mal. Ai eles, no começo, relutaram muito. Eles queriam que eu seguisse a religião evangélica. Mas eles viram a melhora que eu tive e hoje não falam mais nada. Eles não interferem, eles seguem a religião deles. Eu respeito eles e eles me respeitam. Minha mãe e meu irmão são obreiros, eu cheguei a ser obreiro, fiquei sete anos como obreiro.

Autoras: O que é ser um obreiro?

Borromeu: Obreiro é o auxiliar do pastor, auxilia nos cultos, orações. Às vezes, chega alguém com problema, a gente aconselha. É um auxiliar de pastor, faz tudo que o pastor faz, mas não está lá lendo a Bíblia para as pessoas.

Autoras: Ozeias, quando a gente conversou da outra vez, você falou que estava deprimido, estava triste, só ficava no quarto. Queria que você contasse para gente como foi isso.

Borromeu: Eu comecei a sentir um vazio muito grande. Não tinha vontade de conhecer pessoas, só queria ficar no quarto. Comecei a me sentir depressivo, sentia um vazio que não sabia como preencher. Eu sabia que não queria ser evangélico, que aquilo não ia me preencher. Quando eu procurei a Umbanda, fui sentindo que aquela necessidade estava sendo sanada. Parei de me sentir assim, comecei a me relacionar com as pessoas. O vazio foi diminuindo. Não foi de uma hora para outra. Foi como tratamento médico: você vai se tratando e vai sentindo que vai melhorando aos poucos. Tudo é assim, gradativamente, aos poucos.

Autoras: Como é receber entidade? O que você sente?

Borromeu: As minhas mãos ficam muito geladas. Começa nas pontas dos dedos, os pés ficam gelados. Ai começa a transpirar muito, o coração acelera. A minha cabeça começa a ficar meio lerda. Eu começo a escutar pouco o que está acontecendo a minha volta. Vou perdendo os sentidos do que está acontecendo, do domínio do meu corpo. Até que vem a entidade. Durante a incorporação eu não sinto nada, não sinto dor, não sinto nada. Não sei o que está se passando ao meu redor. É como se eu entrasse num transe, como se estivesse num sono profundo.

Autoras: Como a entidade vem, tem como diferenciar?

Borromeu: É, eu começo a sentir. Vai adormecendo o corpo e eu paro de sentir. Vai adormecendo o corpo inteiro. Tudo vai ficando meio lento, como se estivesse em câmera lenta, como um sono, vai ficando meio longe. Como se você tivesse há muitas horas sem

dormir e fosse pegando no sono. As pessoas falam com você e você não tem discernimento do que estão falando. Até que você pega no sono profundo. Essa é a sensação que eu consigo aproximar.

Autoras: Você lembra de alguma coisa?

Borromeu: Nada, vai sumindo, sumindo até que eu não vejo mais nada.

Autoras: Da última vez que a gente veio aqui, a sua Pomba Gira apagou um cigarro no seu braço. Nem isso você sentiu?

Borromeu: Não, não tenho marca nenhuma nas mãos.

Autoras: Como foi a sua primeira incorporação?

Borromeu: Na primeira eu fiquei muito assustado, era tudo diferente para mim, nunca tinha acontecido. Eu tremi muito, suando. A sensação é como se eu tivesse com muito medo, mas eu não estava com medo. Coração acelerado, pernas bambas, eu comecei a tremer muito e vi que meu corpo estava tomando movimentos que eu não queria, movimentos involuntários. Eu não queria fazer isso, porque eu estou fazendo? Como se meu corpo tivesse sendo manipulado por outras pessoas. Falando coisas que eu não queria. É bem confuso, uma coisa que eu não estava acostumado. Eu tenho controle do meu corpo, mas ele se mexia sem eu querer. Era como se tivesse alguém me controlando.

Autoras: Porque a religião evangélica não supriu as suas necessidades? O que te levou a procurar a Umbanda?

Borromeu: Eu tive muitas decepções, mas decepções a gente tem em todos os lugares. Desde sempre eu segui aquilo porque eu aprendi que tinha que seguir, não era minha escolha, desde sempre eu sinto que não era meu lugar estar ali. Eu sentia que eu estava ali e

não ia estar a vida inteira. Era um aprendizado, eu aprendi muito. E não estava suprindo minha necessidade, eu sentia que a minha missão ali já estava cumprida. Sentia que eu tinha que seguir outro caminho. Eu fui parando aos poucos.

Autoras: Você fala pra seus amigos que você é da Umbanda?

Borromeu: Eu falo, sou da Umbanda, do Candomblé. Sou raspado no santo. Muitas pessoas falam que queriam ir, falam que se interessam muito, mas nunca foram, me perguntam as coisas. Outros discriminam, falam que não é coisa de Deus. Mas porque não é coisa de Deus? A gente crê em Deus também. As pessoas tem uma visão errada, porque não é uma religião que segue o catolicismo, não é evangélica, não lê a Bíblia, que não é de Deus. É uma visão errada, pensa que é porque é da Umbanda que a gente não crê em Deus, mas o mesmo Deus que o evangélico e o católico acreditam, a gente também acredita. Eu tento explicar, porque eles acham que a gente faz o mal. Mas não, eu explico que a gente não procura o mal, a gente procura uma evolução espiritual. A gente quer fazer a caridade, a Umbanda prega isso. A gente deixa a entidade vir no nosso corpo para fazer caridade para outras pessoas. Às vezes vem gente com problema de saúde, problema familiar. A gente empresta nossa matéria para a entidade vir fazer o trabalho dela de ajudar, auxiliar e aconselhar. Às vezes um conselho que eu não sei dar, a entidade vai saber dar este conselho.

APÊNDICE D - ROTEIRO

Escrito por Carolina Gavioli e Maria Barra Costa

Versão 1

Cena 1: Dia/ Rua perto do terreiro

Carros passam pela rua, rotatória, pessoas passando pela rua, em frente ao terreiro.

Câmera aberta, parada/ som ambiente

Cena 2: Dia/ Rua perto do terreiro

Áudio do Pai Eduardo falando há quanto tempo eles estão no local – com as imagens da rua, em frente ao terreiro.

Cena 3: Dia/ Dentro do terreiro

Imagens de dentro do terreiro. Câmera na porta do terreiro.

Câmera parada, aberta/ som ambiente

Cena 4: Dia/ Rua perto do terreiro

Imagens do lado de fora, mostrando movimentação da rua.

Câmera aberta, parada/ som ambiente

Cena 5: Dia/ No terreiro

Pai de santo falando que a gira acontece a noite porque ele trabalha. ----- Pai falando da procura do galpão – entrevista 1 – 10'12'' até 10'40''

Entrevista/ som limpo, ambiente

Opção 2 – imagens da salinha do pai, a cozinha, do ambiente. Imagens paradas e abertas.

Cena 6: Noite/ Rua do terreiro

Imagens da rua do terreiro a noite. Câmera parada no terreiro olhando para a rotatória.

Câmera parada/ som ambiente

Cena 7: Noite/ No terreiro

Imagens do altar em direção a porta. Imagens já a noite, de outro ângulo. Imagens da salinha do Pai, de outro ângulo também e da cozinha.

Câmera parada, aberta/ som ambiente

Cena 8: Noite/ No terreiro

Imagens dos santos, velas, altarzinho. Audio do pai Eduardo falando das imagens trazidas do catolicismo.

Câmera parada/ som ambiente

Cena 9: Noite/ No terreiro

Imagens das pessoas se preparando, colocando as roupas brancas, tirando os sapatos e os adereços. (Velhinha colocando colares e se arrumando)

Câmera mais fechada nos detalhes, perto do chão (pegar o pé descalço)/ som limpo

Cena 10: Noite/ No terreiro

Médiuns se reúnem em círculo e fazem uma reza, que se parece com a feita na religião católica. O Pai de Santo comanda a reza.

Uma câmera pegando do ângulo de visão do Pai de Santo; outra mais aberta nos médiuns, começando a se movimentar por eles/ som limpo, ambiente, falas – oração

Cena 11: Noite/ No terreiro

Mãe de Santo cumprimenta o pai, seguida pelos outros médiuns que também o cumprimentam.

Uma câmera pegando mais fechada no Pai de Santo; outra mais aberta nos médiuns, seguindo a mesma ideia de movimentação da cena anterior/ som limpo, ambiente, falas, começando a ficar mais barulhento

Cena 12: Noite/ No terreiro

Atabaque começa a tocar, médiuns cantam, começando a girar no sentido anti-rário. Destaque para a oferenda no centro da roda: farinha, água e vela branca (pode variar).

Câmera aberta em movimento/ som mais sujo

Cena 13: Noite/ No terreiro

Processo de defumação começa – purificação de cada um dos integrantes, da assistência (pessoas da plateia) e do local.

Câmera fechando para o detalhe do defumador em movimento/ som mais sujo

Cena 14: Noite/ No terreiro

Dois filhos de santo retiram as oferendas do centro e, acompanhando o pai enquanto ele toca um sino triplo, fazem reverência a cada um dos cantos do barraco e ao atabaque.

Uma câmera fechada para cada detalhe desse, em movimento/ som sujo

Cena 15: Noite/ No terreiro

A oferenda é levada para fora, um pouco da farinha é jogada na rua com um pouco de água; o restante é colocado abaixo da carranca de Exu logo na entrada.

Uma câmera fechada para cada detalhe desse, em movimento/ som sujo

Cena 16: Noite/ No terreiro

Todos sentados em semicírculo (com abertura para o congá e o pai ao centro) cantam cânticos de invocação para a entidade Boiadeiro, que preside o centro, a partir da incorporação no pai.

Uma câmera fechada em cada acontecimento desses, em movimento/ som sujo

Cena 17: Noite/ No terreiro

Os membros saúdam com reverências a entidade do Pai de Santo e, pouco a pouco, a roda se levanta.

Câmera mais aberta e movimentando-se/ som sujo

Cena 18: Noite/ No terreiro

As entidades começam a incorporar pela força do canto, outras quando o Pai encosta sua mão na testa ou peito do filho de santo. Atenção para o cumprimento de cada entidade.

Câmera no Oséias e na Juliana, movimentando-se/ som sujo

Cena 19: Noite/ No terreiro

Médiuns que não incorporam ajudam os outros a vestirem as roupas, de acordo com cada entidade.

Câmera no Oséias, na Juliana e no Pai de Santo, movimentando-se/ som sujo

Cena 20: Noite/ No terreiro

Cada entidade já incorporada cumprimenta o Pai, o atabaque e, depois, a entrada.

Uma câmera na visão do Pai de Santo, outra no Oséias e na Juliana

Cena 21: Noite/ No terreiro

Entidades andando pelo terreiro.

Câmera em movimento procurando os três personagens/ som sujo

Cena 22: Noite/ No terreiro

O público vai até as entidades para se consultar e pedir “passe” (benção). Ao cumprimentar uma entidade, em geral se bate três palmas para abaixo e a abraça três vezes.

Câmera fechada e em movimento em cada um dos personagens/ som sujo

Cena 23: Noite/ No terreiro

Enquanto esperam as pessoas irem conversar com elas, as entidades cantam, dançam ou ficam apenas paradas, cada uma em sua postura característica.

Câmera mais fechada nas entidades cantando, mostrando o rosto delas e outra câmera nos detalhes da posição das mãos, posição das costas e em outros detalhes / som sujo

Cena 24: Noite/ No terreiro

As entidades cantam músicas de despedida e vão desincorporando.

Câmera inicialmente em movimento e fechada. No decorrer da cena (quando a maioria dos médiuns já está desincorporada) a câmera vai se estabilizando e ficando mais fechada/ som sujo começando a ficar mais limpo

Cena 25: Noite/ No terreiro

Os médiuns retornam para o semicírculo e realizam o agradecimento a Deus e às pessoas que participaram da “gira”.

Câmera aberta “meio confusa”, ainda se movimentando/ som mais limpo

Cena 26: Noite/ No terreiro

Todos ajudam a limpar o terreiro e a finalizar tudo.

Câmera aberta e parada/ som limpo

Cena 27: Noite/ Na casa do Oséias

Oséias entrando em casa.

Câmera parada em um ponto focando determinado objeto (pode ser um espelho) e o Oséias passa na frente desfocado.

APÊNDICE E - ROTEIRO

Escrito por Carolina Gavioli e Maria Barra Costa

Versão 2

CENA 1: NOITE/ NA RUA

Imagens da rua próxima ao terreiro.

Áudio do pai de santo falando do tempo de criação do terreiro.

Câmera aberta na rua / áudio ambiente

CENA 2: NOITE/ RUA

Imagens da fachada do terreiro.

Câmera um pouco mais fechada / áudio ambiente

CENA 3: NOITE/ RUA

Imagem da Carol entrando no terreiro.

Áudio do Ozeias contando de quando entrou no terreiro pela primeira vez.

Câmera fechada / áudio da entrevista

CENA 4: NOITE/ TERREIRO

Imagens da salinha do Pai, de outro ângulo também e da cozinha. (sugestão Nilson, para localizar)

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 5: NOITE/ TERREIRO

Imagens dos santos, velas, altazinho. Imagens das pessoas orando e acendendo velas.

Câmera fechada/ áudio ambiente

CENA 6: NOITE/TERREIRO

Imagens da gira: primeiro elemento perceptível: pés descalços e roupas brancas. – imagens dos pés andando, sem mostrar que gira é (isso é secundário).

Câmera mais fechada /som ambiente, da gira

CENA 7: NOITE/ TERREIRO

Imagem da gira: mãos dos médiuns

Câmera fechada/ áudio ambiente

CENA 8: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: reza

Câmera fechada/ áudio do Pai falando do sincretismo

CENA 9: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: reza

Câmera fechada/ áudio do Pai falando do sincretismo

CENA 10: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: pessoas andando círculos, atabaque, características da gira

Câmera fechada/ som ambiente

CENA 11: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: atabaque

Câmera fechada/ áudio do Deivid contando que o que o atraiu foi o atabaque

CENA 12: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira relacionadas com o atabaque: pessoas fazendo a “dança”, ou pés mexendo como se fosse uma dança (ver disponibilidade de imagens)

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 13: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: médiuns andando, fazendo coisas da gira que antecedem a incorporação.

(essas imagens tem que ser mais abertas, da câmera do Jota) (VER CENAS DA FESTA DO EXU)

Câmera aberta / áudio ambiente

CENA 14: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: detalhes das taças, cigarro, elementos como esses

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 15: NOITE/ TERREIRO

Imagens da mulher com os pés nervosos. (se não me engando, está na pasta do dia 2)

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 16: NOITE/ TERREIRO

Deixar a câmera tremer o máximo possível. Imagens abertas com a incorporação – pegar uma daquelas que as pessoas começam a tremer e vem o outro médium auxiliar)

Imagens abertas / áudio ambiente NESTE MOMENTO, DÁ PRA INTERCALAR COM AS CENAS FECHADAS PRA MOSTRAR EXPRESSÃO. EX: MULHER DE ROXO FOI GRAVADA COM A CAMERA DO JOTA E COM A DO MATHEUS. MAS AS CENAS ABERTAS TEM QUE SER MAIORES. (<http://www.youtube.com/watch?v=yw7fVvOKg7g>)

desse jeito. Tá aberto e fecha na pessoa que fala) (VER POSSILIDADE DE COMEÇAR COM VOZ OVER AS ENTREVISTAS)

CENA 17: NOITE/ TERREIRO

Entrevista do Ozeias: falando de como a sua vida melhorou depois da umbanda

CENA 18: NOITE/ TERREIRO

Mais imagens da incorporação: se possível aquelas mais tensas.

CENA 19: NOITE/ TERREIRO

Entrevista Pai Pequeno: contando que leva soco quando incorpora.

CENA 20: NOITE/ TERREIRO

Entrevista Pai de Santo: contando do ectoplasma.

CENA 21: NOITE/ TERREIRO

Mais imagens da incorporação.

CENA 22: NOITE/ TERREIRO

Entrevista do Ozeias: contando que não sente nada quando apagam cigarro nele.

CENA 23: NOITE/ TERREIRO

Entrevista pai de santo contando da incorporação consciente, semi-consciente e inconsciente.

CENA 24: NOITE/ TERREIRO

Imagens das entidades conversando com o público.

Câmera aberta / Som ambiente

CENA 25: NOITE/ TERREIRO

Início da desincorporação.

Imagens abertas / som ambiente

CENA 26: NOITE/ TERREIRO

Desincorporação com cena bem fechada.

Câmera fechada / som ambiente. NAS ÚLTIMAS CENAS, VER POSSIBILIDADE DE USAR ALGUMA ENTREVISTA. - TERMINAR COM A DESINCORPORAÇÃO.

APÊNDICE F - ROTEIRO

Escrito por Carolina Gavioli e Maria Barra Costa

Versão 3 (final)

- colocar a música do terreiro, nas imagens da gira, um pouco mais alta. Pra dar uma chamada de atenção.

- priorizar imagens da gira que tenham os personagens.

CENA 1: NOITE/ NA RUA

Imagens da rua próxima ao terreiro.

Áudio do pai de santo falando do tempo de criação do terreiro.

Câmera aberta na rua / áudio ambiente

CENA 2: NOITE/ RUA

Imagens da fachada do terreiro.

Câmera um pouco mais fechada / áudio ambiente

CENA 3: NOITE/ RUA imagem da Carol entrando no terreiro.

Áudio do Ozeias contando de quando entrou no terreiro pela primeira vez.

Câmera fechada / áudio da entrevista

CENA 4: NOITE/ TERREIRO

Imagens dos santos.

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 5: NOITE/ TERREIRO

Imagens dos santos e da sala do terreiro. Imagens das pessoas orando e acendendo velas e da velinha colocando colares.

Câmera fechada/ áudio ambiente

CENA 6: NOITE/TERREIRO

Imagens da gira: primeiro elemento perceptível: pés descalços e roupas brancas. Imagens dos pés andando.

Câmera mais fechada /som ambiente, da gira

CENA 7: NOITE/ TERREIRO Imagem da gira: mãos dos médiuns

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 8: NOITE/ TERREIRO

Imagens do atabaque

Câmera mais fechada / áudio do Deivid falando de quando entrou para a Umbanda

CENA 9: NOITE/ TERREIRO

Imagem da velhinha colocando colares e se arrumando.

Câmera mais fechada nos detalhes, pegando os colares sendo colocados e ela feliz por estar lá/ som ambiente.

CENA 10: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: pessoas andando em círculos, atabaque, características da gira.

Câmera fechada / som ambiente

CENA 11: NOITE/ TERREIRO

Imagem da gira: atabaque

Câmera fechada / áudio do Deivid contando que o que o atraiu foi o atabaque

CENA 12: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira relacionadas à gira: pessoas fazendo a “dança”, ou pés mexendo como se fosse uma dança (ver disponibilidade de imagens)

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 13: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: médiuns andando, fazendo coisas da gira que antecedem a incorporação.

(essas imagens tem que ser mais abertas, da câmera do Jota) (VER CENAS DA FESTA DO

EXU) Câmera aberta / áudio ambiente

CENA 14: NOITE/ TERREIRO

Imagens da gira: detalhes

Câmera fechada / áudio ambiente

CENA 15: NOITE/ TERREIRO

Imagens dos médiuns começando a incorporar

Câmera fechada / Áudio ambiente

CENA 16: NOITE/ TERREIRO

Imagens abertas com a incorporação – pegar uma daquelas que as pessoas começam a tremer e vem o outro médium auxiliar

Imagens abertas / áudio

CENA 17: DIA/ TERREIRO

Entrevista com o Pai de Santo falando da incorporação.

Imagem da entrevista / áudio entrevista

CENA 18: DIA/ TERREIRO

Entrevista com o Ozeias falando da incorporação.

Imagem da entrevista / áudio entrevista

CENA 19: DIA/ TERREIRO

Entrevista com o Ozeias falando da incorporação e do que sente.

Imagem da entrevista / áudio entrevista

CENA 20: NOITE/ TERREIRO

Imagens da incorporação. Pessoas já incorporadas.

Câmera fechada /áudio ambiente

CENA 21: NOITE/ TERREIRO

Mais imagens da incorporação.

Câmera fechada /áudio ambiente

CENA 22: NOITE/ TERREIRO

Entrevista do Pai de Santo dando mais informações sobre a incorporação consciente, semi-consciente e inconsciente.

Imagem da entrevista / áudio entrevista

CENA 23: NOITE/ TERREIRO

Entrevista de Ozeias falando que fica em transe quando incorpora.

Imagem da entrevista / áudio entrevista

CENA 24: NOITE/ TERREIRO

Imagem da desincorporação.

Câmera aberta / Som ambiente

CENA 25: NOITE/ TERREIRO

Imagens rápidas das entidades

Câmera fechada / Som ambiente

CENA 26: NOITE/ TERREIRO

Imagens da rua do terreiro.

Câmera fechada / som ambiente dos carros passando